

# Jill Mansell

*Uma oferta irrecusável*

*Tradução de Susana Valdez*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



*Para a minha filha Lydia e para todos os seus amigos  
e professores da escola, em especial para o Sr. Fielding, antigo explicador,  
e a Sr.<sup>a</sup> Wilson, professora de inglês.*

*E para (respirar fundo agora...) Zainab, Mya, Kat, Louise,  
Pinki, Lacey, Hannah M., Sophia, Ellis, Ellie, Laura,  
Emily, Tash, Alice, Millie, Ella, Hannah O., Sophie,  
Charli, Anna e Harriet.*

*Que grupo simpático que vocês fazem!*



## Capítulo I

Há dez anos

Há alguns lugares aonde se pode esperar esbarrar contra a mãe ultra snobe do teu namorado. Talvez numa festa nos jardins do Palácio Buckingham ou em Glyndebourne ou a torcer o nariz para os Ferrero Rochers num cocktail de algum embaixador estrangeiro. E depois há outros lugares aonde não se espera *de todo* esbarrar contra ela.

Como, por exemplo, no Cod Almighty na ponta duvidosa na Rua Tooting High.

— Raios, é a mãe do Dougie. — Limpando instintivamente as mãos ao avental verde de *nylon* e lutando contra a vontade de fazer uma vénia — porque a mãe do Dougie era *assim tão* snobe — Lola disse com vivacidade — Olá, Sr.<sup>a</sup> Tennant, bons olhos a vejam!

E tão típico aparecer dois minutos antes do fecho, quando tudo o que tinham para lhe oferecer era um salsichão com ar cansado e dois bolinhos de peixe esquecidos. Talvez Alf pudesse ser persuadido a rapidamente atirar alguns pedaços frescos de eglefim na fritadeira e...

— Olá, Lola. Será que podemos falar? — Mesmo apenas para uma visita a um restaurante de *fish and chips*, a maquilhagem da mãe do Dougie estava imaculada, com o cabelo penteado num puxo de Princesa Michael de Kent.

— Ah, sim. Claro! Estou quase a acabar. — Lola olhou de relance para o Alf, que fez gestos bem-humorados de toca a andar. — Fechamos às duas e meia. Então, não quer levar nada?

Aquilo foi um calafrio? A Sr.<sup>a</sup> Tennant abanou a cabeça negativamente e disse com um movimento trémulo de divertimento — Não me parece, não é?

Depois de apanhar a mala da sala dos fundos da loja e arrancar o avental de nylon — *chiça, estática* — Lola passou por baixo do tampo do balcão e apanhou a dose grande de batatas que Alf lhe deixara, já que sobraram tantas.

— Tchau, Alf. Até amanhã.

— Posso deixá-la em casa se quiser — disse a mãe de Dougie. — O carro está mesmo aqui em frente.

Lola sorriu abertamente, batatas fritas de graça e boleia para casa num Jaguar novinho em folha. Era, sem dúvida, o seu dia de sorte.

Lá fora, na rua, sentia-se um calor e humidade rigorosos. Dentro do Jaguar, o ar fresco cheirava deliciosamente a pele cara e a Chanel No. 19.

— É um carro tão fabuloso — suspirou Lola, afagando os estofos enquanto a mãe do Dougie ligou o motor.

— Obrigada. Eu gosto.

— Como é que alguém poderia não gostar? — Lola equilibrava o pacote fumegante de batatas fritas no colo, cuidadosamente para mantê-lo longe das pernas nuas. O estômago roncava, mas heroicamente resistia à tentação de o abrir. — Então, por que queria falar comigo? Tem alguma coisa a ver com os anos do Dougie?

— Não. Na verdade, é acerca de si e do Dougie. Quero que termine o namoro com ele.

Pás, sem mais nem menos.

Lola pestanejou. — Desculpe?

— Quero que termine a sua relação com o meu filho.

Isto não podia estar a acontecer. Lola com os ombros a contrair em descrença, observou a mãe do Dougie a guiar, tão calma e indiferente como se estivessem a falar de uma coisa tão simples como do tempo.

— Porquê?

— Ele tem dezoito anos.

— Quase dezanove.

— Agora tem dezoito — repetiu a Sr. Tennant com firmeza. — e está a caminho da universidade. Ele *vai* para a universidade.

— Eu sei — disse a confusa Lola. — Não o estou a impedir. Encontrarmos-nos sempre que ele puder, faremos a viagem à vez. Apanho o autocarro até Edimburgo fim de semana sim, fim de semana não e o Dougie vem de carro quando for a vez dele, depois...

— Não. Não e não. Lamento, mas não virá. Este não é o tipo de relação de que o Doug precise agora. Ele disse-me ontem que estava a ter dúvidas em ir para a universidade. Ele quer ficar por cá. E isto é da sua autoria, minha rapariga. Mas não vou ficar de braços cruzados e deixá-la arruinar a vida dele.

As batatas fritas quentes estavam agora a queimar as pernas da Lola. — Com toda a franqueza, não estou a arruinar a vida dele. Eu quero o melhor para o Dougie, tal como a senhora. Amamo-nos! Até já lhe disse que se sentirmos demasiadas saudades um do outro mudo-me para Edinburgh para vivermos juntos!

— Ah, sim! Ele também já me contou essa. E num piscar de olhos, estará a sentir-se posta de lado porque ele tem todos os seus amigos univer-

sitários e a Lola está presa atrás do balcão de algum restaurante de *fish and chip* de travessa. — A Sr.<sup>a</sup> Tennant fez uma careta com desdém. — Por isso, para recuperar a atenção dele irá acidentalmente engravidar. Não, lamento. Não vou permitir que isso aconteça. Será muito melhor para si se se separem agora.

Quem é que esta mulher pensa que é? — Mas eu não quero. — A respiração de Lola era rápida e superficial. — E não me pode obrigar.

— Não, minha querida, claro que não a posso obrigar. Mas posso fazer os meus melhores esforços para a persuadir.

— Não serei persuadida. Eu amo o Dougie. Com todo o meu coração — disse Lola bruscamente, determinada a convencer a mãe dele de que não se tratava de um romance parvo de adolescência.

— Onze mil euros, é pegar ou levar.

— *O quê?*

— É o que está em cima da mesa. Pense bem. Quanto é que ganha naquele restaurante de *fish and chips*? — A mãe do Dougie levantou uma sobancelha arranjada na perfeição. — Não mais do que cinco euros e meio por hora, com certeza.

Na verdade são quatro euros e meio. Mas ainda assim era uma boca maldosa; o trabalho no Cod Almighty era temporário enquanto se candidatava a trabalhos aonde podia dar maior uso às suas qualificações.

— Que tipo de pessoa seria eu se aceitasse o seu dinheiro?

— Ah, não sei. Do tipo sensato, talvez?

Lola estava tão zangada que mal conseguia falar; as unhas mergulharam no papel do pacote de batatas empapado e fumegante, enchendo o interior ar condicionado do carro com o odor forte e distinto a vinagre. Não era só isto que a incomodava; até hoje, a mãe de Dougie fora sempre perfeitamente simpática quando se viam.

— Pensava que simpatizava comigo.

— Claro que pensou. — A Sr.<sup>a</sup> Tennant parecia divertida. — Era esse o objetivo. Bem sei como são os jovens. Se um pai anuncia que não aprova a escolha de namoro dos seus filhos, torna-os apenas ainda mais determinados em ficarem juntos. Alimentar a chama e tudo mais. Nem pensar, é muito melhor fingir que está tudo perfeito e que achamos que fazem um ótimo par e deixar que a relação esmoreça por si mesmo.

— Mas a nossa não irá esmorecer — disse Lola.

— É o que já disse. É por isso que estou a dar uma ajuda. Meu deus, este tráfico está um pesadelo hoje. Vira-se à esquerda aqui nos semáforos ou vou em frente?

— Esquerda. E o que o Dougie pensará disto quando souber o que me disse hoje?

— Bem, imagino que fique bastante chateado comigo. Se lhe contar.  
— A Sr.<sup>a</sup> Tennant pausou para dar efeito. — Mas faça um favor a si mesma, Lola. Não diga nada hoje. Dê tempo a si mesma para pensar, porque não há dúvida que é inteligente. E onze mil euros é muito dinheiro. A única coisa que tem de fazer assim que decidir é telefonar-me quando souber que o Dougie não está em casa. E eu passo o cheque.

— Pode parar o carro. Eu vou a pé o resto do caminho. — Sem querer continuar no Jaguar luxuoso da mãe do namorado, Lola indicou com o dedo que devia estacionar na paragem de autocarro adiante.

— De certeza? Está bem.

Lola hesitou com a mão no puxador da porta do passageiro e olhou para a mãe do Dougie na sua saia de linho branco vivo e um puxo real. — Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Esteja à vontade.

— Por que não gosta de mim?

— Pode colocar em risco o futuro do meu filho. — A Sr.<sup>a</sup> Tennant não hesitou.

— Amamo-nos. Poderíamos ser felizes juntos durante toda uma vida.

— Não, *não podiam*, Lola. Não está mesmo a perceber o que lhe estou a tentar explicar? É demasiado insolente e berrante, não tem classe nenhuma, não é suficientemente boa para o Dougie. E... — A mulher mais velha hesitou, o olhar deteve-se substancialmente no top vermelho de mangas cavas decotado e saia curta de ganga com nódoas de gordura. — Veste-se como uma puta barata.

— Posso fazer-lhe mais uma pergunta? — disse Lola. — Como se vai sentir quando o Dougie se recusar a falar consigo?

E, heroicamente resistindo ao impulso de abrir o pacote de batatas e atirá-las à cara da mãe do Dougie, saiu do carro.

De volta a Streatham — uma casa muito mais modesta do que a do Dougie, que, de certeza, a mãe olharia com desprezo. Lola andava de um lado para o outro na sala de estar pequena azul e branca como um animal enjaulado e recapitulou o que tinha acontecido. OK, *agora* o que deveria ela fazer? O Dougie estava a passar alguns dias em Edimburgo, a tratar de onde iria viver a partir de Outubro e a familiarizar-se com a cidade que seria a sua casa durante os próximos três anos. Sem dúvida de que a Sr.<sup>a</sup> Tennant assim o tinha planeado com a sua habitual minúcia meticulosa. A sua própria mãe e padrasto estavam a trabalhar. O tiquetaque do relógio na cozinha enlouquecia-a. Maldita, maldita mulher — como se *atrevia* a fazer isto? Que *bruxa*.

Quando bateram as quatro horas, não aguentava mais estar em casa.

Sem mudar deliberadamente o seu top decotado e saia de ganga demasiado curta, a Lola saiu de casa. O que levava vestido era praticamente norma para os adolescentes num dia quente de verão, por amor de Deus — não tem ar de pega. E se não falasse com alguém, rebentaria.

— Onze mil euros — disse Jeannie.

— Sim.

— Ouve, são onze mil euros.

— Então? — Lola bateu com a *Coca-Cola* na mesa. — Não interessa quanto é. Ela não pode andar por aí a fazer isto às pessoas. É nojento.

Estavam no MacDonalD. Jeannie sorveu ruidosamente a *Coca-Cola* com duas palhinhas. — Posso dizer alguma coisa?

— Posso impedir-te?

— OK! Dizes que é uma coisa nojenta. E vais dizer *não*. Mas e se o Dougie voltar de Edimburgo na sexta-feira e disser que conheceu outra pessoa? E se se sentar ao teu lado e disser: “*Olha, lamento muito e tudo mais, mas dei de caras com esta rapariga elegante num bar, acabámos por ir para a cama e ela é simplesmente fantástica?*” — Pausando para sorver as últimas gotinhas da *Coca-Cola*, Jeannie apontou a palhinha em direção à Lola. — E se ele te disser que quer acabar?

Oh, por amor de Deus.

— O Dougie não faria isto.

— Talvez.

— Não, *não faria*.

— Talvez — disse a Jeannie. — OK, talvez esta semana não, ou até este mês. Mas mais tarde ou mais cedo é provável que acabem. Têm dezassete anos. Quantos casais de dezassete anos passam o resto das suas vidas com o seu primeiro amor? Vamos ser realistas, é por isso que se chama *primeiro* amor, porque vamos ter muitos. Lola, és muito nova para ficares com a mesma pessoa. E o Dougie também. Bem sei que se adoram, mas não vai durar. E se for o Dougie a acabar, não podes ir chorar para ao pé da mãe dele a dizer que mudaste de ideias e a perguntares se é agora que podes receber o dinheiro. Porque será tarde demais. Perdeste e em grande. Pensa nisso, ficarás com uma mão à frente e outra atrás. — Jeannie, escarnecendo com pesar, agarrou o seu peito. — Com o coração partido. Sem o Dougie Tennant e sem os onze mil euros.

Então é este o conselho da suposta amiga. Bem, o que mais poderíamos esperar de alguém como a Jeannie, cujos pais defrontaram-se numa batalha épica de divórcio, deixando-a com uma visão amarga das relações. Hoje em dia, a Jeannie odiava o novo marido da mãe e iria fugir de toda a con-

fusão mudando-se para a Maiorca. O plano passava por trabalhar num bar, dançar na praia e, de forma geral, divertir-se imenso. Dormir com muitos homens, mas, sem dúvida, não se envolver emocionalmente com nenhum deles. Qualquer tipo de relação romântica *não* fazia parte dos planos.

A memória da mãe do Dougie continuava a assombrar Lola ao longo do caminho para casa, aquele rosto pálido, nobre e voz depreciativa a dizer-lhe claramente por que não era suficientemente boa para o seu querido filhinho.

Lola imaginava o sorriso afetado naquele rosto se a previsão otimista se realizasse. Por outro lado, imaginem como a mãe reagiria se Lola e o Dougie casassem! Ah! *Isso* é que seria fabuloso!

Só que... Só que...

Tenho dezassete anos. Não quero casar só para irritar alguém. Sou demasiado *nova*.

De volta a casa, Lola estava paralisada por uma devastadora vontade de falar com o Dougie. Sem planos, ela iria improvisar. Quando ouvisse a voz dele ela decidiria o que fazer, se deveria ou não contar-lhe que a mãe dele era a maior cabra do mundo. Cristo, como é que ele se sentiria quando descobrisse?

O Dougie estava hospedado num *bed and breakfast* em Edimburgo. O número estava no bloco ao lado do telefone no estreito corredor. Ao ligar, Lola olhou para o relógio; eram cinco horas. Devia estar lá, de volta da visita ao campus universitário...

— Não, minha menina, lamento mas não está. — A dona do B&B tinha uma voz amigável com uma pronúncia de Edimburgo. — Voltaram há uma hora, o Dougie mudou de roupa e tomou banho e depois saíram. Iam espreitar os *pubs* na Rose Street.

— Oh. — O coração de Lola ficou desanimado; queria tanto ouvir a voz dele. — Ele estava com quem?

— Não ouvi os nomes, querida. Outro rapaz e duas raparigas... não é maravilhoso que ele já esteja a fazer novos amigos? O rapaz é de Manchester e a loura bonita é de Abergavenny! Devo dizer que parecem absolutamente encantadores. Digo-lhe que a menina telefonou, está bem? Apesar de só Deus saber a que horas voltará...

Ao desligar, Lola ouviu mais uma vez as palavras de Jeannie. Lola não estava esmagada por ciúmes pelo Dougie ter saído com um grupo de novos amigos, sendo que dois eram do sexo feminino. Era apenas a tomada de consciência que este era o primeiro de muitas centenas de noites que estaria longe dele e...

Lola assustou-se quando o soalho rangeu por cima da cabeça; ela pensava estar sozinha em casa.

Chamou em voz alta — Quem está aí?

Sem resposta.

— Mãe? — Lola franziu o sobrolho. — Pai?

Ainda sem resposta. Será que o soalho rangeu sozinho ou estará alguém lá em cima? Mas a casa parecia protegida e um ladrão teria o trabalho dificultado, subindo por uma janela do quarto. Pegando num chapéu-de-chuva por precaução, Lola subiu as escadas.

O que ela viu quando abriu a porta branca do quarto dos pais abalou-a profundamente.

## Capítulo 2

Pai? — O estômago de Lola encolheu de medo. Algo de muito errado se passava. O seu padrasto — o único pai que alguma vez conhecera, o homem que amava com todo o coração — estava a fazer as malas, o rosto quase irreconhecível.

— Vai lá para baixo. — Virou as costas para ela, quase sem conseguir falar.

Lola tremia. — Pai, o que vem a ser isto?

— Deixa-me simplesmente em paz.

— Não, não deixo! Diz-me o que se passa. — Deixando cair o chapéu, Lola exclamou — Por que razão estás a fazer a mala? Estás doente? Vais para o hospital? É cancro?

Cheio de dor, acenou com a cabeça negativamente. — Não estou doente, não dessa maneira. Lola, isto não tem nada a ver contigo... Não queria que me visses assim...

Era uma situação inconcebível em que a Lola não sabia o que pensar. Quando se aproximou dele, ele fez uma tentativa fraca de a afastar com um braço.

— Papá, *diz-me*. — Lola sussurrava em desespero e com lágrimas a saltar dos olhos.

Cobrindo o rosto, ele caiu para a cama. — Oh, Lola. Desculpa.

Ela nunca sentira tanto medo em toda a vida. — Vou telefonar à mamã.

— Não, não podes.

— Estás a ter um caso? É por isso que estás a fazer as malas? Já não queres viver connosco?

Mais uma vez acenou que não com a cabeça. — Não é nada desse género.

— Então diz-me o que se passa. — A voz de Lola falhou; ambos choravam. — Tens de contar, porque tenho medo!

Vinte minutos depois ela sabia tudo, por muito incrível que fosse. Alex jogava e elas nunca suspeitaram. As idas duas vezes por semana a um clube de snooker introduziram-no num grupo de jogadores de cartas e, aos poucos e poucos, sem se aperceber, viu-se absorvido. Encontravam-se

regularmente numa casa em Bermondsey para jogar póquer e, no início, Alex safara-se bastante bem. Depois a sorte mudara, começara a perder e o grupo simpático fez pouco caso da sua má sorte. Quando os montantes chegaram a um nível preocupante, o Alex confessou que precisaria de tempo para pagar a dívida. Foi neste momento que o grupo simpático deixou de ser tão simpático e começou a ameaçá-lo. Aterrorizado pela mudança neles, apercebendo-se de que a situação tinha saído do seu controlo, o Alex fez a única coisa que era possível e concentrou todas as suas energias em recuperar todo o dinheiro perdido. Já que o seu gestor de conta não encararia esta medida como um plano de negócios sensato, pediu dinheiro emprestado ao amigo que o apresentou ao grupo de póquer.

Uma semana depois perdeu todo o dinheiro.

Pediu emprestado um montante de emergência de um prestamista, tentou de novo.

Perdeu também esse dinheiro.

Entretanto, a família não tinha qualquer noção do que se passava. Quando a mãe de Lola lhe perguntou como estava, ele explicou que estava apenas cansado e ela disse-lhe que não devia trabalhar tanto. Na noite seguinte, ao sair da garagem aonde trabalhava como mecânico, foi parado por dois capangas numa carrinha que explicaram em pormenores gráficos o que fariam se ele não pagasse todos os cêntimos que devia daí a uma semana.

Daí a uma semana era amanhã e para grandes males, grandes remédios. Doente de vergonha e com medo pela sua vida — os capangas telefonavam-lhe regularmente, lembrando-lhe da contagem decrescente — Alex decidira desaparecer. Era a única solução; não podia admitir a Blythe o que fizera, a trapalhada terrível que fizera com a sua vida. Ela e Lola eram tudo na vida para ele e não aguentava mais. Se a Lola chegasse a casa meia hora depois, ele teria ido embora para sempre.

— Preferia que tivesses — disse pesadamente. — Disseste-nos que ias passar a tarde nas compras em Oxford Street. Pensava que estava a salvo.

Às compras em Oxford Street. Esquecera-se por completo disso depois da mãe de Dougie ter largado a sua bomba.

Lola, com o rosto molhado de lágrimas, disse: — Mas não fui, e agora sei.

— Tenho de ir na mesma. Não consigo encarar a tua mãe. Estaria melhor morto — disse Alex em desespero. — Mas prefiro fazê-lo à minha maneira do que ficar para descobrir o que aqueles desgraçados têm reservado para mim... Oh meu Deus, nem acredito que isto esteja a acontecer, como poderei ser tão *estúpido*...

Abraçando-o com força, Lola já sabia que não tinha outra hipóte-

se. O seu pai biológico, um rapaz americano, pôs-se a milhas quando descobriu que Blythe estava grávida. Mas não interessava porque o Alex apareceu dois anos depois. Ele amava Lola como se fosse a sua própria filha. Ele fizera-lhe ovos cozidos com torradas, ensinara-lhe a andar de bicicleta, juntos inventaram canções tolas e levaram a mãe ao desespero, cantando-as sem parar; ela pediu-lhe ajuda quando foi picada por uma vespa, ele levou-a de carro até Birmingham para ver uma banda de rapazes que tocava em NEC. O amor dele por ela era absolutamente incondicional...

— Eu posso ajudar-te — disse Lola. — Não tens de ir embora.

— Acredita, tenho mesmo.

Com os olhos secos — isto era demasiado importante para chorar — ela disse — Eu consigo arranjar o dinheiro para ti.

— Querida, não consegues. São dezassete mil euros.

Lola, com o estômago em nós, não se permitiu pensar nas consequências. — Consigo arranjar grande parte do dinheiro.

E quando o Alex abanou a cabeça em descrença, ela contou como.

Quando ela acabou de contar, ele abanou a cabeça que não ainda com maior veemência. — Não. Não. Não posso deixar que faças isso. Nem pensar, *claro que não*.

Mas qual era a alternativa? Desaparecer das suas vidas? Ela perder o único pai que alguém vez conheceu? O mundo da sua mãe ser destruído?

— Ouve-me, — Apesar do seu próprio coração parecer rasgar em dois, Lola jogou o trunfo. — a mãe nunca precisaria de saber.

— Lola! É bom vê-la de novo. — Adele Tennant abriu a porta da rua e desviou-se para um lado. — Entre.

Seguindo-a pela entrada de teto alto e ressoante, Lola sentiu-se doente e tonta, mas terrivelmente determinada. Não posso, *não posso* desmaiar. Quase que não dormira na noite passada, também não conseguira comer nada.

— Fico feliz por ter ganho bom senso. — Adele sentou-se à mesa no escritório e estendeu a mão para o livro de cheques. Ao seu lado, a luz do sol da manhã ricocheteava do vidro de uma moldura de prata de fotografias. Lola, mudando de posição para evitar o brilho ofuscante, reparou que era uma fotografia de Adele com os seus filhos: Dougie à esquerda e Sally à direita. A fotografia fora tirada há alguns anos quando estavam de férias nalgum sítio incrivelmente exótico, com palmeiras e um oceano da cor de lápis-lazúli, porque a Adele Tennant não ia de férias para Margate. Dougie, bronzeado e a sorrir numa *t-shirt* branca, tinha um ar descontraído e

lindo de morrer. Sally, a bonita e loura irmã, mais velha, que Lola nunca conhecera, vestia um sarongue rosa flamingo. Agora com vinte e seis anos e noiva de um proprietário de terras irlandês, vivia com ele nas Montanhas Wicklow ao largo de Dublin. Dougie adorava a irmã e Lola estava desejosa por a conhecer.

Lola sentiu a garganta a contrair. Isso já não aconteceria agora.

— Não se vai arrepender. — Adele tirou rispidamente a tampa da caneta de tinta permanente e passou com a ponta cintilante por cima do cheque. A velha bruxa não conseguia esperar mais tempo.

— Espere um momento. — Lola fechou os olhos durante alguns segundos, perguntando-se se conseguiria ir para a frente com isto. Sim, conseguia. — Onze mil euros não chega.

— Desculpe?

— Não chega. — Ela teria de dizer — Preciso de dezassete mil euros. Depois, deixarei o Dougie em paz. Nunca mais falarei com ele.

— Que atrevimento!

A boca da Lola estava seca. — De outra forma mudar-me-ei para Edimburgo.

Adele olhou-a com puro desdém. Com franqueza, Lola não a culpava nem um bocadinho.

— Estás-te a esticar.

— Doze mil. — regateou Adele. — E nem mais um tostão.

Tapete persa?

— Treze mil.

— Catorze mil e quinhentos.

— Negócio feito. — E já estava, regateara até os catorze mil e quinhentos. No que dizia respeito à mãe do Dougie, a Lola era oficialmente desprezível. Mas era o suficiente para livrar o Alex dos seus problemas; o seu chefe da garagem podia emprestar o resto.

— Espero que esteja orgulhosa de si mesmo. — Adele escreveu com desprezo a nova quantia acordada.

Lola podia tão facilmente desatar a chorar. Recorreu à sua força de vontade para manter o controlo. — Não estou. Preciso do dinheiro.

— E graças a Deus por isso. — Adele, para quem catorze mil e quinhentos euros não era muito dinheiro, esboçou o seu sorriso gélido e desinteressado. — Então, aonde o vai gastar?

Ao falar, o olhar deslizou com desprezo pela Lola no seu top turquesa, calça de ganga e sandálias.

Estava tudo terminado. Não veria mais o Dougie. Já não tinha de impressionar a mãe dele. — Vou para o estrangeiro — disse Lola. — Novos biquínis. Implantes mamários. Não é isso que esperaria?

— O dinheiro agora é seu. Não me interessa o que faz com ele, desde que se mantenha longe da vida do meu filho — interrompeu Adele. — Vai-lhe dizer o que aconteceu?

— Não. — Lola acenou negativamente com a cabeça e apanhou o cheque que Alex depositaria na conta dele naquela manhã. Ele acordara um levantamento bancário antes de o dinheiro estar disponível. Em troca, Lola entregou a Adele a carta que escreveu durante a manhã, a carta mais difícil que alguma vez escrevera.

— Vou simplesmente acabar com ele. Pode entregar-lhe isto quando ele chegar a casa. Já estarei fora do país nessa altura.

— Fico feliz por saber. O Dougie irá recuperar num piscar de olhos, mas concordo que seja melhor manter-se afastada. Bem, eu acompanho-a à porta. — Adele levantou-se e conduziu Lola pela casa. Claramente aliviada pelo Dougie não ficar a saber o papel que desempenhou a afastar a namorada indesejada, sorriu de novo à porta e disse — Adeus, Lola. Foi muito educativo fazer negócios consigo.

Já estava, não havia volta a dar. Lola sentiu um nó na garganta e, por uns segundos, pensou em rasgar o cheque em pedacinhos. Era o que queria fazer. Mas depois o que aconteceria ao Alex?

— Amo o Dougie de verdade. — Ouviu-se a voz de Lola a quebrar; não conseguia imaginar-se a viver sem ele. — Amo-o mesmo.

Abrindo a porta com um abanão, Adele disse alegremente: — Mas ama mais o dinheiro.

Passado três dias, Dougie mal chegara a casa, só tinha uma coisa na cabeça:

— Olá, Mãe. Estás boa? — Largou a mochila na entrada e beijou a mãe no rosto. — Vou dar um pulo rápido à casa da Lola.

Adele abraçou o seu esperto e bonito filho de dezassete anos, a luz da sua vida.

— Por acaso, tenho aqui uma carta para ti da Lola. — Quase que morreu de curiosidade por não ter aberto o envelope com vapor.

Quando o Dougie percorreu os olhos pela carta e a Adele viu o rosto dele a ficar sem pinta de sangue, soube que fez bem em fazer o que fez. Ele gostava demasiado da rapariga para alguma coisa boa sair dali; com a idade dele era ridículo deixar-se envolver tão intensamente com qualquer rapariga, quanto mais a socialmente inadequada Lola Malone, a filha mal vestida de um mecânico.

— O que diz?

— Nada. — A dor misturava-se com a descrença nos olhos escuros de Dougie ao amachucar a carta na mão e subir as escadas.

Adele não o queria ver a sofrer, mas era para o seu próprio bem. Era

pelo melhor. Chamando pelo Dougie, disse — Tens fome, querido? Posso preparar alguma coisa para comeres?

— Não — respondeu abruptamente, com a frase na ponta da língua. — Como sabias que a carta era da Lola?

Adele pensou rápido. — Estava lá em cima quando ouvi algo a entrar na caixa de correio. Quando olhei pela janela, vi-a a correr rua acima. Não queres que faça uma sandes de carne assada, succulenta e mal passada?

— Não tenho *fome*, mãe.

Adele sentiu compaixão por ele. — Meu querido, está tudo bem?

— Não, mas vai ficar. — Dougie, repleto de determinação, acenou com a cabeça que sim e disse com calma — Agora vou para o quarto e depois vou sair. E, sim, tudo *ficará* bem.

Mas felizmente que não ia. Lola manteve a sua parte do acordo. Assim que o Dougie saiu de casa, Adele infiltrou-se no quarto e encontrou a carta amachucada debaixo da cama.

*Querido Dougie,*

*Desculpa fazer isto assim, mas é mais fácil do que cara a cara. Está tudo acabado, não te quero ver mais. Foi bom e não me arrependo da nossa relação, mas os meus sentimentos por ti já não são os mesmos. A magia parece ter terminado. Não me quero mudar para Edimburgo contigo, não é do meu género e a ideia de todas aquelas viagens para te ver é apenas demasiado. Nunca iria resultar — ambos sabemos, bem lá no fundo. Portanto, decidi ir para fora, para algum país quente e solarengo. Não me contactes porque não há volta a dar. Irás encontrar outra pessoa num instante e eu também.*

*Desejo-te uma boa vida, Dougie. Desculpa isto, mas sabes que faz sentido.*

*Tchau,*

*Lola*

Adele acenou positivamente com a cabeça em aprovação, amachucou de novo a carta e colocou-a debaixo da cama.

Linda menina. Ela não teria escrito melhor.

Para sempre juntos, para sempre juntos, para sempre juntos. As palavras cantavam sarcasticamente na cabeça de Doug ao ritmo das pancadas compassadas do comboio a passar pelas trilhas. Há uma semana — sete *dias* atrás — a Lola e ele fizeram um piquenique na Colina do Parlamento. Lola deixou escapar um guincho de falso escândalo quando ele picou o último

rolo de salsicha. Ele fugiu com o rolo, ela apanhou-o e lutou com ele no chão e ele dera-lhe o rolo. No fim acabaram por partilhá-lo, rindo e beijando as migalhas dos lábios um do outro. Era um solarengo e quente dia e novas sardas, acabadas de nascer, surgiam no nariz bronzeado de Lola. Ele voltou-a de costas e meteu-se com ela por causa das sardas, agarrando-lhe nos braços por cima da cabeça para que não pudesse acotovelá-lo nas costas. E depois pararam de rir e olharam fixamente para os olhos um do outro, ambos reconhecendo que o que estavam a viver era um daqueles momentos perfeitos que nunca se esquecem.

— Oh, Dougie, amo-te — Lola sussurrou as palavras, a voz dela afetada pela emoção. — Vamos ficar juntos para sempre, não é? Promete-me que ficaremos juntos para sempre.

E ele prometeu. Mas mais importante do que isso, a promessa era sentida.

Agora, Doug sentado na carruagem balançante fitando cegamente a janela à medida que o comboio se deslocava ruidosamente a cantar a sua canção trocista, perguntou-se o que poderia ter acontecido de tão errado.

— Ela já foi embora, miúdo. Lamento. Sabes bem como é a Lola quando mete uma coisa na cabeça — vrump, já está, pira-se como um foguete.

Dougie nem queria acreditar. Lola fora-se embora. Estava mesmo a acontecer. Num minuto, estava tudo bem e eram completa e delirantemente felizes juntos, no minuto a seguir, ela desaparecera da face da terra. Não era másculo e não seria algo que ele confessasse aos seus amigos num milhão de anos, mas a dor da perda era tão devastante que sentia como se o coração pudesse mesmo partir.

Em vez disso, lutando para manter a compostura, Dougie engoliu o que parecia ser uma bola de golfe pela garganta abaixo. — Ela disse porquê?

— Nem por isso. — Blythe encolheu os ombros desamparadamente, tão confusa quanto ele. — Apenas disse que queria mudar. A amiga Jeannie estava a mudar-se para a Maiorca, encontraram-se para falar e dia seguinte a Lola anunciou que ia com a Jeannie. Para *viver*. Bem, ficámos chocados! E bem lhe perguntei se tinha pensado bem em tudo, em vocês os dois por estarem tão próximos, mas nada a conseguia parar. Tenho mesmo pena, rapaz. Ela deveria ter falado contigo.

Para piorar ainda mais a situação, a mãe de Lola olhava-o como se ele fosse um cachorro abandonado numa caixa de cartão; ela era solidária, mas não havia nada que pudesse fazer.

— Ficou com um número de telefone? Uma morada?

— Desculpa, mas não te posso dar. Ela não quer que a contactes. Penso

que ela apenas sente que vocês têm a vida toda pela frente. — A mãe de Lola procurava consolá-lo.

Como se alguma coisa o consolasse. O Dougie penteou o cabelo com os dedos em desespero. — Ela está a namorar com alguém?

— Não. — Blythe abanou com vigor a cabeça negativamente. — Tenho a certeza de que não é isso.

Ele não sabia se isso melhorava ou piorava a situação. Ser rejeitado em troca de outra pessoa era uma coisa, mas ser rejeitado em troca de ninguém era uma humilhação ainda maior. Dougie, com dificuldades em controlar a voz, disse: — Pode fazer-me um favor? Diga-lhe, se ela mudar de ideias, que sabe onde me pode encontrar.

— Assim farei. — Por uns segundos, os olhos azuis de Blythe embaciaram e parecia que ela o iria abraçar.

Dougie, apavorado com a ideia de desatar a chorar se ela o fizesse, estragando a sua credibilidade para todo o sempre, afastou-se precipitadamente da porta da rua.

— Obrigado.

## Capítulo 3

Três anos depois

Oh Lola, olha para ti. — Blythe, apertando-a com força, passou instantaneamente para o modo galinha/mãe galinha. — É Fevereiro. Vais apanhar uma pneumonia!

— Mãe, tenho vinte, já não me podes dar na cabeça. — Mas Lola gostava secretamente. Ao abraçar a mãe, para a arreliar, levantou a bainha do top para mostrar o bronzado da Maiorca.

— Assim que saíres vais ficar queimada pelo frio. — Blythe, pegando numa das malas de viagem húmidas da Lola, começou a abrir caminho pelo aeroporto abarrotado em direção à saída. — Tens a certeza de que não queres tirar uma camisola da mala?

— Tenho a certeza absoluta. Qual é o objetivo de estar mais bronzada do que toda a gente se vestirmos uma camisola que esconde tudo? Ai, Mãe, para um minuto, deixa-me abraçar-te de novo. Tive tantas saudades tuas.

— Sua parva! Como estão correr as coisas com o Stevie?

— Mal. Já não estamos juntos. Afastámo-nos. — Lola sorriu para mostrar que não era importante. Estar com o Stevie foi divertido, mas a relação nunca fora séria. Afagando a barriga, ela disse — E estou a morrer de fome. Vamos diretamente para casa ou achas que compre um hambúrguer aqui mesmo?

— Nada de hambúrgueres hoje. Vamos comer fora. O Alex convidou-nos para almoçar — disse Blythe. — Reservou uma mesa no Emerson em Piccadilly.

— Meu Deus! Almoço no Emerson? Que luxo! — admirou-se Lola. — O que fizemos para merecer isto?

Blythe apertou-lhe o braço. — Nenhuma razão em especial, querida. É maravilhoso termos-te de volta.

A mãe mentira. Havia uma razão especial. O Alex esperou que escolhessem a comida para pedir uma garrafa de champanhe.

— Alex, endoideceste? — E era champanhe verdadeiro e tudo. Era simplesmente imprudente; quando Lola era mais nova, nunca podia beber *Coca-Cola* verdadeira em casa, apenas a falsa, porque era mais barata.

— Fechei a empresa — disse Alex quando o empregado trouxe a garrafa para a mesa.

— Ai, não! — O coração de Lola acelerou; de qualquer das formas, ela sempre soube que era um negócio arriscado. Após ter saído de casa há três anos, Alex deixou de jogar, de um dia para o outro. Desde aquela altura em que quase o perderam, ele nem uma vez apostou em corridas de cavalos no Grand National. Também nunca mais fora ao clube de *snooker*. Em vez disso, ficou em casa todas as noites, interessando-se cada vez mais por oportunidades de negócios que a Internet de rápido crescimento oferecia. Quando lhe surgiu a ideia de um serviço de reservas de hotel *online*, Lola ouviu e acenou que sim educadamente sem perceber se podia resultar. Para ela, o Alex até podia estar a falar na língua dos gnomos. Toda aquela conversa da Internet parecia ser bastante absurda para ela; ela própria não usava.

Mas o Alex insistiu, acabando por criar uma empresa e trabalhar nos tempos livres. Por fim, no ano passado, deixou o seu trabalho na garagem de modo a dedicar mais horas à empresa. Lola pensava que as coisas estavam a correr bastante bem.

Ai, meu Deus... Lola esperava que ele não tivesse recaído e recommençado a jogar.

— Então? — Aí vinha de novo a sensação triste de medo. — O que correu mal?

Os cantos dos olhos de Alex franziram, as linhas acentuadas pela luz da vela na mesa.

— Não correu nada mal. Era demasiado para a minha camioneta. Precisava de contratar pessoal, encontrar um escritório adequado... Não podia fazer tudo sozinho.

Lola acenou afirmativamente. — A mãe disse que andavas a trabalhar noite e dia.

— Nunca imaginei que fosse tão bem-sucedido assim. Foi incrível, mas assustador. Depois, outra empresa contactou-me — explicou Alex. — Ofereceram-se para comprar a empresa.

— Ah! Bem, isso deve ter sido um alívio. — Desde que Alex não tivesse voltado ao jogo, ela estava feliz.

— É um alívio. — O Alex acenou seriamente em concordância e levantou o copo efervescente. — À nossa.

— À nossa. — Lola juntou o copo ao brinde com entusiasmo e bebeu um golo daquele delicioso champanhe gelado.

— Já agora, — disse Alex — vendi o negócio por um vírgula oito milhões.

Felizmente o champanhe já tinha desaparecido pela garganta abaixo, de outra forma teria salpicado a mesa tal qual um regador de relva.

— Estás a falar *a sério*?

— É verdade! — Os olhos de Blythe dançaram. — Nem sabes o que me tem custado não te dizer. Quase que revelei tudo no aeroporto!

— Meu Deus! — Lola respirava.

— E isto é para ti. — Alex pegou num cheque dobrado do seu bolso interior e passou-o pela mesa.

— Meu *Deus!* — As mãos de Lola começaram a tremer ao contar os zeros e depois voltando a contar. Durante um largo espaço de tempo, não conseguiu falar. A mãe nunca soubera nada acerca dos acontecimentos traumáticos há três anos, o que dificultava ainda mais o que queria dizer. Mas Alex, apesar de não precisar, queria pagar-lhe a dívida com muitos juros. Era tarde demais, mas ele queria recompensá-la por aquilo que fora obrigada a fazer para salvar a família.

Por fim, vacilante, Lola disse — Alex, não tens de fazer isto.

Os olhos deles encontraram-se. Ele sorriu. — És a minha filha. Por que razão não o faria?

— Eu bem disse que era muito. — Blythe interveio com orgulho. — Mas ele insistiu. Agora, não o podes esbanjar, ouviste?

— Podes sair daquele pequeno e apertado apartamento alugado. — disse Alex. — E comprar uma quinta nas montanhas e ainda assim não o estarias a esbanjar.

Lola, sem se conseguir conter, saltou da cadeira e atirou-se para o abraçar. Esquece a quinta nas montanhas; agora já podia voltar para Londres e comprar uma casa lá.

Maiorca podia ser excelente por diferentes razões, mas não havia nada como a nossa casa.

— *Lola.* — Blythe, chocada pela atenção que a filha estava a receber, procurou puxar freneticamente para baixo o seu curto top. — Endireita-te por amor de Deus. Toda a gente está a olhar para as tuas cuecas!

Não havia nada mais deliciosamente confuso do que emergir de um restaurante escuro e iluminado com velas às três e meia da tarde e descobrir que ainda é dia, apesar da luz do dia cinzenta e gelada da cidade.

Mas não importava que estivesse cinzento, já que apenas tornava as lojas brilhantemente iluminadas mais sedutoras. Tal qual um íman humano, Lola sentiu-se irresistivelmente atraída na direção das maiores e mais brilhantes lojas.

— Vamos deixar-te em paz. — Não conseguiu convencer a mãe e o Alex a juntarem-se a ela. — Não gastes muito.

— Mãe, estive fora quatro meses! Tenho muita coisa para pôr em dia.

— Talvez um casaco bonito e quente. — Blythe nunca resistiu a uma boca.

Quando voltaram para o carro, Lola avançou com dificuldades pelas ruas estreitas secundárias de Piccadilly até chegar à Regent Street. Ah, sim, aqui estão elas, as lojas grandes de que tinha tantas saudades, com as suas entradas elegantemente belas e as perfumarias e as escadas rolantes que nos levam para outros andares cobertos de ainda mais coisas maravilhosas para cobiçar...

Ainda melhor, ali estava a Kingsley.

Lola parou à entrada, a saborear o momento. As grandes lojas eram fabulosas, mas, para o coração dela, estavam em segundo lugar em relação às livrarias. Alcudia na Maiorca tinha muitos pontos fortes, mas a fraca coleção de velhos e carcomidos livros de bolso em inglês nos vacilantes expositores nas lojas de lembranças em frente à praia não era um deles. Desejava uma verdadeira livraria tal como um viciado deseja uma dose. Não havia mesmo nada melhor do que aquele maravilhoso cheiro a livros novos, tocar nas capas e folhear um livro, cujas páginas, se calhar, nunca tinham sido folheadas.

E se aquele sentimento era estranho, bem, ela queria lá saber.

Há pessoas obcecadas e apaixonadas por sapatos. Os sapatos eram bonitos, mas não se podia ficar a noite toda acordada a ler um par, pois não?

De qualquer das formas, estava um frio de rachar na rua; estar vestida ou nua era a mesma coisa. Com um delicioso arrepio de antecipação, Lola mergulhou no calor acolhedor de Kingsley.

Ah, olhem para eles. Tantos livros, tão pouco tempo. Todas aquelas pilhas e pilhas de livros de capa dura e brilhante, a pedirem para serem comprados e devorados. Lola passou com os dedos por eles, prolongando o momento e sem se aperceber do seu sorriso palerma no rosto até um outro cliente lhe chamar a atenção e Lola ter sorrido em resposta.

— Desculpe. — Os vários copos de champanhe ao almoço soltaram-lhe a língua. — Vivo em Maiorca, por isso há bastante tempo que não via tantos livros.

As bochechas do homem coraram. — Sortuda. Então, hum, aonde em Maiorca?

— Alcudia, na parte norte da ilha.

— Eu conheço Alcudia! — respondeu bruscamente o homem de meia idade. — Vou todos os anos para lá com a minha mãe. Ficamos num apartamento na velha cidade. Que coincidência!

Hmmm, *nem por isso*, já que todos os anos um bilião de turistas invade Alcudia, mas Lola ficou impressionada pelo seu entusiasmo. — Bem,

trabalho num restaurante no porto. Por isso, da próxima vez que lá esteja e queira comer bom marisco, tem de lá ir.

O rosto do homem já estava tão vermelho com entusiasmo que ela começou a preocupar-se com a tensão arterial dele. — Parece ser uma ótima proposta. A mãe não é muito fã de marisco, mas atrevo-me a dizer que o chefe lhe pode preparar uma omeleta como um favor especial para si — hesitou. — São muito caros?

— Nada. Na verdade, é bastante razoável. E pode pedir tudo o que quiser. Somos muito prestáveis. — Lola assegurou-lhe com um sorriso. — Prometo que se irá divertir.

O homem, que claramente não saía muito, disse avidamente — Como se chama o sítio? E aonde fica mesmo? O melhor é indicar-me aonde ficam.

— Faça mais do que isso. — Lola, abrindo a mala cor de prata, retirou um dos cartões-de-visita do restaurante que lhe entregou.

— Obrigado. — O homem sorriu de alegria. Guardou o cartão e olhou para o relógio. — Combinado. Oh Deus, já viu as horas? Tenho de ir ao multibanco antes de...

— Desculpe! — rugiu uma voz atrás deles. — Já *chega*. Tenho de pedir que saia.

Lola, confusa, virou-se e viu uma funcionária de cabelos brancos e bem constituída a falar-lhe completamente trémula com desaprovação.

— Desculpe, está a falar comigo?

— Ah, não venha com as suas falinhas mansas para cima de *mim*. Vá, vamos, deixe os nossos clientes em paz. — A mulher esticou o braço, apontando para a porta como um polícia sinaleiro. — Fora, fora. Não precisamos de pessoas como tu aqui.

— *O quê?* — Até lhe caiu o queixo; estaria a mulher completamente perturbada? Lola, meio a rir em descrença, virou-se para o homem ao seu lado, mas este recuava, paralisado.

— A oferecer os seus serviços porcós, importunando os verdadeiros clientes — a mulher continuou furiosamente. — É vergonhoso e não irei permitir que aconteça nesta loja.

— A oferecer os *meus serviços*? — Lola levantou as sobrancelhas. — Do que está a falar? Não sou uma prostituta!

— Não me responda, menina. Bem ouvi o que disse ao senhor. Olhe para a sua figura! — A mulher espetou um dedo acusador em direção ao top branco curto, à saia curta verde-lima e às longas pernas nuas. — É claro o que é! — Virou-se para o homem para apoio. — O que pensou quando a viu?

— Hum... Bem... — Ele, em agonia pela vergonha, gaguejou — Se se ca-calhar está bas-bastante exoticamente vestida.

Ai, por amor de Deus.

— Eu vivo na Maiorca! Cheguei hoje! Não sabia que ia estar assim tanto frio! Conte-lhe o que estávamos a falar — exigiu Lola, mas era tarde demais. O homem envergonhado, fugiu precipitadamente da loja.

— Pode segui-lo, antes que eu chame a polícia. — A mulher olhava triunfantemente. — Isto é uma loja respeitável e não precisamos de pessoas como você aqui, a tresandar de bebida e a oferecer-se a homens inocentes.

Sair pela porta fora já não era uma opção; simplesmente não fazia parte da natureza de Lola. Se alguém dissesse: “*Não saltes desse muro, porque te vais aleijar.*” Ela sentir-se-ia obrigada a saltar do muro para descobrir o quanto doeria.

A mulher, Lola conseguia agora ler no crachá, era uma assistente chamada Pat.

— Entrei aqui para comprar livros e sairei quando os tiver comprado. — Lola, recusando-se a ser intimidada, disse friamente — Antes de sair, quero dar uma palavrinha ao seu gerente.

Quinze minutos depois, dirigiu-se para a caixa com os braços cheios de livros, consciente de que toda a loja já sabia da discussão com a Pat. Pat desapareceu de vista. Os outros funcionários observavam veladamente à distância. O rapaz na caixa registou as compras de Lola e fez o seu melhor para não olhar para as pernas dela.

— Posso falar com o gerente? — disse Lola.

Acenou afirmativamente com a cabeça, pegou no telefone e murmurou algumas palavras.

Lola aguardou.

Por fim, uma porta nos fundos abriu e uma mulher elegante nos seus quarenta emergiu.

Foi como o tiroteio no OK Corral.

A mulher aproximou-se de Lola e disse — Lamento imenso o comportamento de Pat, ela contou-me o que aconteceu e gostaria de pedir desculpa em nome da Kingsley. O que se passa é que a Pat reforma-se dentro de seis semanas e se efetuar uma reclamação formal irá pôr em risco tudo.

— Eu...

— E provavelmente não lhe devia dizer isto, mas ela é obcecada pelas, amm, mulheres da vida. — Baixando a voz a um murmúrio, a mulher acrescentou — É que sabe, o marido dela, fugiu com uma e a Pat perdeu a cabeça, especialmente quando descobriu que já tinha sido um homem. A rapariga, digo eu. Não a Pat. Pobre mulher, ficou inconsolável. Foi por isso que reagiu assim tão exageradamente. Peço muita desculpa. Vou falar com ela e ela nunca mais repetirá isto.

— Ainda bem. — disse Lola. — Fico feliz por saber isso.

A gerente parecia esperançada. — Então está tudo resolvido, não é assim? Não irá apresentar uma reclamação formal?

— Não, não irei.

— Ai, obrigada! *Muito* obrigada. — Apertou a mão da Lola em agradecimento. — É muito simpático da sua parte. Coitada da Pat, bem sei que ela não devia dizer aquelas coisas horríveis, mas ela passou por um mau bocado e, de uma certa forma, tenho a certeza que percebe por que razão ela ficou transtornada...

— Eu não sou uma prostituta — disse Lola.

E com isto a gerente ficou estarecida.

— Ah! — A mulher, ocultando a surpresa, precipitadamente retrocedeu. — Claro que não é! Não foi isso que quis dizer! Meu Deus, *claro* que não foi isso que pensei!

Lola sorriu. Uma roupa para a qual ninguém olharia duas vezes em Alcudia claramente tinha outras conotações numa livraria londrina no Novembro frio. Talvez tenha chegado a altura de alterar o guarda-roupa.

— Acho que pensou. Não se preocupe com isso. Mas ainda não me perguntou porque pedi para falar consigo.

A mulher parecia aturdida. — Claro. Desculpe. Estou um pouco confusa. Então, em que a posso ajudar?

— Com isto. — Lola apontou para a placa no balcão, idêntica à que viu na janela anteriormente. — Diz que tem uma vaga para assistente de vendas.

— Sim, temos. Para substituir a Pat quando se reformar.

Cada vez melhor.

— São necessárias qualificações?

— É preciso adorar livros.

— Eu adoro livros — disse Lola.

A gerente ficou estupefacta. — Quer dizer que *está* interessada? Neste emprego?

Tornava-se óbvio que era um pedido extraordinário. — Desculpe, há alguma razão para eu não poder trabalhar aqui?

— Não é isso! Pensei que a Pat tinha dito que vivia no estrangeiro.

Lola sorriu para a mulher e disse — Acho que chegou a altura de voltar.

## Capítulo 4

Presente

Trabalhas aonde? Nas apostas?

— Numa *livraria*, — Lola, mesmo ao dizer as palavras por cima da música barulhenta, perguntou-se por que razão se estava a incomodar — da Kingsley. Sou a gerente da filial da Regent Street.

— Boa, antes tu do que eu. Os livros são chatos. — O rapaz piscou o olho e olhou para Lola através da borda do copo de cerveja, claramente convencido da sua própria irresistibilidade. Com o cabelo cheio de gel e um sorriso convencido, tendo-a sujeitado a uma vagarosa e favorável olhadela disse — Não, estás a passar-me a perna. Não pareces a gerente de uma livraria.

O que ela *poderia* ter dito em resposta era “*Bem, tu também não pareces um idiota, mas tornou-se claro que és.*”

— Mas sou. — disse Lola com paciência. — Juro.

— Devias ter óculos de avó e, tipo, um velho e sujo casaco de lã ou algo parecido. E sem maquilhagem.

Lola sabia o que devia fazer; ela devia ter esbofeteado aquele sorriso parvo do rosto dele. Em voz alta disse — Parto do princípio de que não vais muitas vezes às livrarias.

— Eu? Nem pensar — disse o rapaz com orgulho. — Detesto ler. Que perda de tempo. Olha, queres um copo?

— Não obrigada. Detesto beber. Que perda de tempo!

Parecia chocado. — Verdade?

— Nem por isso. Mas beber contigo seria uma enorme perda de tempo. — Lola pediu licença e dirigiu-se ao bar aonde Gabe, a razão para a festa de despedida, conversava com um grupo de amigos do trabalho.

— Gabe? Vou andando para casa.

Virou-se horrorizado — Não! São nove da noite.

— Eu sei. Mas apetece-me deitar cedo.

— Deitar *o quê?* Espera aí, aonde está a verdadeira Lola? — Gabe inspecionou de perto a cara dela. — Diz-me o que fizeste com ela.

Lola sorriu, porque estava tão incrédula quanto ele; ela não era sim-

plesmente do tipo de se deitar cedo. As festas eram normalmente do que gostava mais.

— Bem sei que é estranho. Talvez tenha apanhado alguma coisa. De qualquer das formas, diverte-te. — Esticando-se e dando um abraço ao Gabe disse — Amanhã de manhã passo por tua casa com chá e Panadol.

Olhou ainda mais alarmado. — É melhor ser amanhã à noite, pode ser que esteja acordado.

Lola saiu do bar, a tremer ao cair-lhe uma gota de chuva gelada no rosto. Chovia, as hipóteses de chamar a atenção de um táxi eram poucas e, portanto, caminhou para o metro, puxando o casaco de veludo recortado em sua volta numa tentativa de se proteger contra o frio e batendo com os brilhantes saltos cor-de-rosa na calçada.

Não era como se fosse a única festa de despedida de Gabe; era apenas uma reunião retalhada de pessoas dos escritórios aonde ele trabalhava como fiscal de obra qualificado. *Trabalhara* nos últimos quatro anos, embora, a partir de hoje, estivesse desempregado e preparado para a aventura de uma vida na Austrália.

Lola desceu a rua, feliz por Gabe, mas consciente das saudades que iria sentir. Quando, há sete anos, voltou para Londres com a sorte inesperada da venda da empresa do Alex, que recheou a sua conta bancária, apaixonara-se pelo terceiro apartamento que vira.

Sentiu-se um pouco como a Cachos Dourados<sup>1</sup> naquele memorável dia. O primeiro apartamento, em Camden, era demasiado pequeno. O segundo, em Islington, era maior, mas demasiado escuro e sombrio e cheirava a cogumelos.

Felizmente, o terceiro era perfeito. Na verdade, excedera as suas expectativas. A Radley Road era uma rua bonita em Notting Hill aonde as casas eram multicolores — tal qual em *Balamory*<sup>2</sup>! Sim! — e o número 73 era azul-celeste e branco. No segundo andar situava-se o 73B, um apartamento espaçoso de um quarto com uma vista da sala para a rua e janelas suficientemente grandes para que o sol jorrasse. A cozinha e a casa de banho eram pequenas, mas limpas. Lola, logo que entrou no apartamento, soube que o teria de comprar. Chamava por si.

Nunca habituada a dar tempo ao tempo e a fazer perguntas perspicazes e sensatas, virou-se bruscamente para o agente imobiliário com lágrimas de

---

<sup>1</sup> N. da T.: *A Cachos Dourados* é uma personagem do conto infantil *A Cachos Dourados e os Três Ursos*, normalmente considerado anónimo, tendo sido publicado pela primeira vez em 1837, composto pelo poeta Robert Southey.

<sup>2</sup> N. da T.: *Balamory* é uma série televisiva britânica para crianças baseada na pequena e imaginária comunidade *Balamory* na Escócia.

alegria nos olhos, mãos entrelaçadas no peito e exclamou: — É perfeito. Eu quero-o. Este é o Tal!

Em vez disso, o que deveria ter dito era: *“Hmm. Não é mau de todo. Como são os vizinhos?”*

Mas não disse, com isso permitindo que o agente imobiliário, bastante calmo, enviasse uma oração silenciosa de agradecimento aos compradores de propriedade irremediavelmente impulsivos de todo o mundo e disse alegremente: — É disto mesmo de que gosto, uma rapariga que sabe o que quer!

E Lola, que agora sabia o quanto ingénuo fora, sorriu de alegria e pensou que se tratava de um elogio.

Mas os vizinhos são um fator importante a ter em conta, tal como descobriu no tempo devido no dia em que se mudou para o apartamento 73B. Partilhando o segundo andar, diretamente em frente ao patamar, estava o 73G. Lola, ao tocar na campainha, naquela tarde, de modo a apresentar-se, estava cheia de boa vontade e com felizes expectativas.

Foi um choque quando a porta foi bruscamente aberta e um velho esquelético na casa dos oitenta anos apareceu, cheio de maldade e amargura.

— Que quer? Acordou-me!

— Ai, lamento imenso. Apenas vim para dizer olá. Sou a Lola Malone, a sua nova vizinha! — exclamou Lola.

— E depois?

— Hum, bem. Acabei de me mudar para o apartamento em frente ao seu. Esta tarde mesmo! — O homem olhou-a com clara antipatia. — Foi isso que ouvi, todo aquele chinfrim maldito que fez ao transportar as suas tralhas escadas acima.

— Mas...

Tarde demais. Já tinha batido com a porta na cara dela.

Chamava-se Eric, descobriu Lola mais tarde, e apesar de não aturar o barulho que ela fazia, ele não tinha nada contra ele próprio fazer bastante barulho. Tocava o trompete, bastante surpreendentemente mal, a qualquer hora do dia ou da noite. Gostava de ver televisão com o som no máximo, provavelmente para conseguir continuar a ouvir enquanto tocava. Também cozinhava tripas pelo menos três vezes por semana e o cheiro infiltrava o apartamento de Lola como... bem, na verdade, como entranhas cozidas de vaca.

Ah sim, ela arranjou um verdadeiro pesadelo como vizinho. Demasiado tarde, Lola apercebeu-se por que razão o agente imobiliário, depois de lhe entregar a chave após a conclusão do processo, piscou-lhe o olho bem-humorado e disse *“Boa sorte!”*

Respeitar os mais velhos era muito bonito, mas o Eric era uma velha

doninha mal-humorada e caprichosa que faria tudo ao seu alcance para tornar a sua vida miserável.

Depois de dois anos disto, o Eric morrera e Lola ficara profundamente aliviada por ele estar no centro de dia quando tal aconteceu; tal como os seus colegas em Kingsley disseram, se o encontrassem morto no apartamento, ela seria a primeira suspeita da sua morte.

Mas o reino de Eric terminara, o apartamento fora limpo e colocado no mercado e Lola fazia figas, esperando por melhor sorte desta vez.

E resultara. Caiu-lhe na rifa o bonito Gabe — urra! — e como magia, a qualidade da sua vida doméstica melhorou para além de todo o reconhecimento, já que ele era o melhor vizinho que qualquer rapariga poderia desejar.

Ainda melhor, ela não se sentiu atraída por ele nem um bocadinho.

Gabriel Adams, com o seu cabelo louro e com ar descontraído e corpo magro e desleixado, tinha vinte e nove quando se mudou para o apartamento em frente ao seu. E, desta vez, fora ele que batera à porta de Lola para a convidar para uma bebida no seu terraço no telhado.

Só por isso ela simpatizara com ele.

— Nem sequer sabia que havia um terraço no telhado. — Lola maravilhou-se com a vista da parte detrás da casa; fora como descobrir uma ilha tropical completa com raparigas hula na nossa velha poeirenta despena.

— É um terraço resguardado do vento — sorriu Gabe. — Acho que vou gostar de viver aqui. Achas que esta *t-shirt* faz-me parecer *gay*?

Já que era de um tom lilás vibrante, obviamente cara e bastante apertada, Lola disse — Bem, um pouco, sim.

— Eu sabia. É demasiado. Sou muito organizado e um excelente cozinheiro. Não posso usar isto também. — Gabe, despindo a *t-shirt* para revelar um tronco invejavelmente bronzeado, estendeu-lhe na sua direção. — Queres ou deito fora?

Lola apercebeu-se de que não era apenas caro. Era *Dolce and Gabbana*. Gostando cada vez mais do seu novo vizinho, Lola disse — Quero. Tens a certeza?

— Claro que tenho a certeza. A cor fica-te bem. É melhor do que atirá-lo para a parte de trás da gaveta e nunca mais a vestir.

Só que não era, porque uma semana depois, quando Lola à noite, estava de saída, encontrou Gabe e a namorada a chegar a casa. A namorada, com olhos negros brilhantes e um braço possessivamente contorcido, como uma cobra, em volta da cintura de Gabe, parou abruptamente e disse — O que estás a fazer com a *t-shirt* do meu namorado?

— Hum... Bem.. Ele d-deu-me para... — Lola, vendo o olhar no rosto

de Gabe, corrigiu rapidamente — Quer dizer, ele emprestou-me, porque eu, hum, pedi-lhe.

A rapariga disparou o seu olhar fatal antes de se voltar para Gabe. — Comprei-te aquilo para os teus anos! Não andes para aí a emprestá-la a qualquer rapariga só porque ela é prepotente o suficiente para a pedir emprestada.

A verdade era que Gabe não o fizera de propósito. Não queria causar problemas, ele era simplesmente imprudente e tão generoso que não lhe passara pela cabeça que alguém pudesse não apreciar as suas ações.

Mas ele acabou com aquela rapariga pouco tempo depois e Lola pôde voltar a usar a *t-shirt*. A partir daí passou uma correnteza de raparigas, hipnotizadas pelo facto de que Gabe, tão encantador e divertido, sofria de fobia no que tocava a compromissos. Todas estavam profundamente convencidas de que seriam elas as responsáveis por ele aperceber-se dos males do seu estilo de vida e, de repente, desejar uma vida de felicidade doméstica monógama.

Escusado será dizer que todas estavam erradas.

Ou estiveram, até há três meses, quando Gabe conhecera uma mocheira australiana chamada Jaydena na última parte da sua viagem à volta do mundo. Jaydena rompera a tradição e foi ela que deixou Gabe, voltando para Sydney quando se conheciam apenas há algumas semanas e ainda estavam completamente doidos um pelo outro. De volta à Austrália, ela enviava todos os dias um *mensagem electrónica* ao Gabe e ele respondia. Passado algumas semanas, ela convenceu-o a largar o trabalho e a ir ter com ela.

Lola ficou surpreendida quando soube. — Mas... *porquê?*

— Porque nunca fui à Austrália e toda a gente diz que é um lugar incrível. Se não for agora, posso vir-me a arrepender.

— Então, posso nunca mais te ver. — Era uma perspetiva assustadora; Gabe desempenhava um papel tão importante na vida dela. E não apenas pelas partes divertidas. Quando o Alex morrera há cinco anos — de um ataque de coração repentino e desesperadamente injusto — Lola ficou enlouquecida, incapaz de acreditar que nunca mais veria o seu amado pai. Mas Gabe fora uma rocha, ajudando-a naquele período horrível. Ela sempre lhe ficara agradecida por isso.

— Hei, não vou vender o apartamento. Vou apenas alugá-lo durante um ano. Depois disso, posso voltar.

Lola sabia que iria sentir terríveis saudades dele, mas os alarmes soavam por outra razão, muito menos altruísta. — Aonde irás encontrar um novo inquilino? Através de uma agência imobiliária?

— Ah! — Gabe divertidamente acotovelou-lhe as costelas. — Então,

só estás preocupada contigo, em pânico com a ideia de quem será o teu vizinho.

— Não. Bem, é também isso.

— Já foi resolvido. O Marcus do trabalho separou-se há pouco tempo da mulher. Ele está a mudar de casa.

Ah! Lola descontraiu, porque conhecia o Marcus e ele era bom rapaz, mesmo que um pouco aborrecido e com tendência para tagarelar acerca de motas. O que bem poderia estar associado ao fim do seu casamento.

— Portanto, não tens de entrar em pânico — disse Gabe. — Está tudo tratado. Vocês vão dar-se bem.

— Excelente. — Visualizando o Marcus nas suas roupas fora de moda e com nódoas de óleo, Lola disse — Mas não me estou a ver a lhe pedir emprestado as *t-shirts* dele.

Fogo, chovia mais do que nunca. Lola, desejando ter calçado sapatos mais baixos, apressou-se ao longo da rua com o colarinho do casaco levantado, virou à esquerda pela rua lateral que era um atalho para o metro. Estremeceu quando o pé esquerdo aterrou numa poça e...

— Larga-me. Larga-me! Nãooooo!

## Capítulo 5

Lola ergueu a cabeça, o coração a galopar no peito com a visão da cena violenta que se desenrolava à sua frente. Os gritos lancinantes da mulher enchiam o ar ao ser arrancada do lugar do condutor do seu carro por dois homens que a atiraram para o chão. Um deles ajoelhou-se ao seu lado, arrancando qualquer coisa da mão dela. Quando lutou contra ele, este bateu-lhe na cara e rangeu entre dentes — Cala-te.

Mas a mulher soltou outro guincho de medo e ele bateu-lhe de novo, desta vez com mais força, fazendo com que a cabeça dela ressaltasse da calçada. — Eu disse para te calares. Agora dá-me os anéis.

— Não! Aaaaah — gemeu a mulher quando ele puxou com força o seu braço para trás.

— Deixa-a em paz! — gritou Lola ao marcar 999<sup>3</sup> no telefone e dizendo ofegantemente — Polícia, ambulância, Keveley Street. — Com a raiva em ebulição, tirou os sapatos e correu em direção ao carro. — Larga-a!

— Claro! É já a seguir — sorriu com desprezo o homem enquanto o seu cúmplice ligava o motor do carro.

— Vá lá — bramiu o cúmplice — despacha-te, rápido.

— Parem! — Lola agarrou o cabelo oleoso do atacante e puxou com força a cabeça dele para trás, chocada por ver na escuridão que o rosto da mulher estava coberto de sangue. — Deixa-a em paz. Já chamei a polícia.

— Larga-me — rugiu o homem, lutando para se libertar.

— Não! — Lola, prendendo-o com firmeza ao chão, cheirou o álcool no seu bafo fétido e sentiu a chuva gelada a ensopar os collants. A mulher deitada de lado estava virada de costas para ela, enrolada e a gemer de dores. O homem blasfemou mais uma vez e contorcia-se como uma enguia para fugir, mas Lola tinha-o bem preso e nada a faria largá-lo antes de...

CRACKKK, uma explosão de ruído e dor encheu a cabeça de Lola e ela apercebeu-se que o outro atacante a agredira por trás com algum tipo de arma. Pouco tempo depois tudo se dissipou e ficou preto e ela caiu no chão.

Lola, a uma grande distância ouvia o chiar dos pneus do carro a ace-

---

<sup>3</sup> N. da T.: 999 é o número nacional de emergência do Reino Unido, entre outros países.

lerar. Mais perto, a mulher gemia. Lola, sem abrir os olhos, esticou o braço, encontrou o pé da mulher e aflagava-o desajeitadamente.

— Vai correr tudo bem. Aguarde-se e a polícia chegará em breve. — Meu Deus, tão mal que ela se sentia. A dor na parte detrás da cabeça era intensa. Mas a mulher ao seu lado, no passeio, chorava agora histericamente, precisando de apoio e conforto.

— E-eles enga-ganaram-me. Pen-pensava que alguém estava ferido... Depois, quando parei o ca-carro, arrasta-taram-me para fora...

— Calma! Não se enerve. — Lola aflagava a perna da mulher, a única parte do seu corpo que conseguia alcançar. — Já oiço as sirenes. Alguém está a vir. Já está bem.

— Não estou nada. Há san-sangue em todo o lado. Ele esmurrou-me a cara e par-partiu-me o na-nariz.

— Sssh, não chore. — Lola, apertando a barriga da perna da mulher e a tremer de frio, empurrou para baixo o aumento rápido da náusea. — A ambulância já chegou. Espero que não passem por cima dos meus sapatos...

Os vinte minutos seguintes foram uma névoa confusa. Lola estava mais ou menos consciente de que tinha dificuldades em responder às perguntas dos paramédicos e da polícia. Esperava que não achassem que estava embriagada. As luzes intermitentes azuis davam à rua de outra forma escura como breu o aspeto de uma discoteca fantasmagórica. Lola, ao pedirem-lhe para esticar o braço e tocar no nariz com o dedo indicador, não acertou e quase que arrancou o olho. Ao perguntarem-lhe o nome do Primeiro-ministro, teve dificuldades em atribuir um nome ao rosto que pairava na sua mente. — Espere, não me diga, eu sei... Eu sei.. é Peter Stringfellow<sup>4</sup>?

A mulher mais velha já tinha sido resgatada para o hospital na primeira ambulância. Quando chegou a segunda na rua estreita e repentinamente concorrida e a maca aproximou-se, Lola acenou com as mãos e protestou: — Não. Não. Não posso ir à festa. Amanhã vou trabalhar.

— A menina precisa de ser vista. Desmaiou.

— Eu sei que desmaiei. — Lola sorriu para o paramédico curiosamente atraente... Está bem que estava na casa dos cinquenta e fazia lembrar um porco, mas tinha olhos doces. — Dança comigo?

— Claro que sim, menina. Assim que ficar boa — sorriu em resposta.

— É lindo. — Como é que nunca me senti atraída por um grande duplo queixo e barrigas enormes?

— Eu sei. Eu sei. Sou o Johnny Depp.

— Não, não és. És muito melhor. — Lola, ao ser erguida habilmente

---

<sup>4</sup> N. da T.: Peter Stringfellow é um antigo jogador de futebol profissional inglês.

para a maca, contemplava veneradamente o paramédico e perguntava-se por que razão ele andava de um lado para o outro. — Parece o Hagrid.

— Mãe, estou ótima. Fizeram um raio-X à cabeça e examinaram-me toda. Foi apenas uma pancada na cabeça. — Lola cuidadosamente inclinou-se na cama para mostrar o galo do tamanho de um ovo à mãe. — Vou ter alta ainda hoje. Mantiveram-me apenas de um dia para o outro porque desmaiei durante uns segundos e quando recuperei os sentidos estava um pouco confusa.

— Foi o que ouvi na sala das enfermeiras — disse Blythe. — Parece que foste hilariante a pedir em casamento um dos pobres homens da ambulância. Nem acredito que tenhas feito uma coisa assim tão ridícula.

— Não tive culpa! Estava abalada.

— Não é a isso que me refiro. Estou a falar de te atirares para uma situação perigosa. Podias ter morrido.

Tal também passara pela cabeça de Lola; naquele momento, agiu apenas por impulso apesar de, em retrospectiva, ter sido um pouco imprudente. — Mas não fui. E estou bem. — À exceção de uma dor de cabeça cáustica. — Podes ligar para o trabalho e dizer-lhes que devo ir amanhã?

— Claro que não. Digo-lhes que talvez vás para a próxima semana, dependendo de como te sentires.

— Mãe, o que *eles* irão pensar se tu disseres isso? É Dezembro! Toda a gente está atolada de trabalho.

— E tu estavas inconsciente — replicou Blythe. — Poderia ter acontecido qualquer coisa. Meu Deus, faz o que eu digo uma vez na vida.

Um homem que passava pela enfermaria parou e disse genialmente — Recompensa seguir os conselhos da mãe.

Estava na casa dos sessenta, eloquente e vestindo um fato elegante. Era este o seu médico? Lola sentou-se um pouco mais direita na cama e sorriu expectante, pronta para o convencer de que estava suficientemente bem para poder ir para casa. Depois da vergonha da noite anterior com o paramédico era bom que representasse bem.

— Menina Malone?

— É o meu nome. — Lola acenou que sim ansiosamente. Para testar que o seu cérebro está em bom funcionamento, ele provavelmente perguntar-lhe-ia o tipo de perguntas que os médicos usam com os velhinhos quando querem saber se estão sãos. Está bem, qual é a capital da Austrália? Quanto é trinta e três vezes sete? Raios, espero que não se lembre de perguntar quem é o Ministro da Economia.

— Olá. — Andou na direção dela, sorrindo e esticando a mão.

— Oi! — Rápido, era Melbourne? Victoria? O cérebro de Lola está a

mil à hora. As pessoas normalmente pensavam que era Sydney, mas ela sabia com toda a certeza que não era. Ele dar-lhe-ia meio ponto por isso, pelo menos?

O homem apertou-lhe a mão calorosamente. — Philip Nicholson, prazer.

Até cheirava bem. Lola, ao vê-lo virar-se para apertar a mão da mãe, inspirou o seu *aftershave* sofisticado. Minha nossa, que modos charmosos, é como estar num hospital privado e receber... *ah, seria Perth?*

— Tinha de vir vê-la — continuou ele.

— Bem, penso que seria difícil de evitar. Faz parte da descrição do cargo! — Lola sorriu-lhe, consciente de que ele olhava para a sua cabeça. Tocando na área dorida disse — Um pequeno galo, apenas isso. De resto, estou ótima. Só que fica já avisado de que não sou nada boa com as capitais.

Philip Nicholson hesitou e olhou para Blythe que encolheu os ombros e parecia desnorçada.

— Caso me fosse perguntar isso — explicou apressadamente Lola. — Quero dizer, algumas sei, como Paris, Amesterdão e Madrid. Essas são fáceis. E até sei que a capital do Azerbaijão é Baku, mas, no geral, tenho de dizer que não é o meu ponto forte. — E acrescentou por precaução — Nem a política.

Cuidadosamente, o Dr. Nicholson respondeu: — Não há problema. Não vou fazer nenhuma pergunta sobre qualquer um desses assuntos.

— Fogo, que alívio — confessou Lola, encostando-se nas almofadas amontoadas. — Detestaria ter de ficar aqui só porque não sei o nome do líder dos Democratas Liberais.

O Dr. Nicholson aclarou a voz e disse: — Tenho a certeza de que isso não acontecerá.

— Bem, esperemos que não. Mas, por vezes, sabemos a resposta, mas simplesmente não nos lembramos dela. Alguém dispara uma pergunta, sabemos que é importante responder certo e — boom! — a mente fica vazia!

— Claro que sim! — Acenou afirmativamente com compreensão.

— Por exemplo, vamos experimentar consigo. — Lola sacudiu o dedo indicador na direção dele. — Capital da Austrália.

O Dr. Nicholson hesitou. Blythe, incapaz de resistir a uma pergunta de concurso, soltou um guincho de excitação e levantou o braço. Lola girou o dedo indicador e gritou ao estilo de Paxman<sup>5</sup>: — *Sim, Mãe?*

— Sydney!

---

5 N. da T.: Paxman refere-se a Jeremy Dickson Paxman, apresentador do concurso televisivo britânico *University Challenge* que está no ar desde 1962.

— Não, não é. — Lola voltou-se de novo para o Dr. Nicholson. — A sua vez.

Parecia um pouco perplexo. Abrindo a boca para responder, ele...

— Brisbane!

— Shiu, Mãe. Não é a tua vez.

— Hum...

— Melbourne! — guinchou Blythe.

— Mãe, controla-te. É a vez do Dr. Nicholson.

Com isto, os ombros relaxaram e a boca começou a contorcer.

— É Canberra. E já percebi o que se passa. Já agora, não sou o Dr. Nicholson.

Divertida, Lola disse: — Não?

Ele sorriu. — A culpa é toda minha. Sabia que a polícia lhe dissera o nosso nome ontem à noite e assumi que se lembrasse. Mas tinha um traumatismo. Desculpe, vamos começar de novo. Chamo-me Philip Nicholson e estou aqui para lhe agradecer com todo o meu coração por ter ido socorrer a minha mulher. Fez uma ação incrivelmente corajosa e nem consigo dizer o quão agradecido estou. — A voz afetada pela emoção. — Aqueles bandidos poderiam tê-la morto se não a tivesse ido ajudar.

Lola colocou a mão por cima da boca. — Pensava que era o meu médico que vinha verificar se estava *compos mentis*.

Philip Nicholson parecia divertido. — Apercebi-me disse mesmo agora.

— Fogo! Ainda bem que não pensava que estava aqui para examinar-me o peito. — Deus, imaginem se tirava o top, isso assustá-lo-ia um pouco.

— Exatamente.

— Como está a sua esposa hoje? — disse Lola.

— Bem, ainda em choque. Mal tratada e pisada. Dois dedos partidos.

— Ouvia-se raiva na sua voz. — Aonde tentaram arrancar os anéis.

— Tiraram-nos?

— Não. Também graças a si. Está bastante abalada e o rosto inchado. Mas fisicamente podia ter sido muito pior. — Philip Nicholson abanou a cabeça negativamente e exalou vagarosamente. — Eu e a minha mulher devemos-lhe tanto.

Lola franziu o rosto, constrangida. — Qualquer pessoa faria o mesmo.

— Não, não faria — ripostou Blythe. — A maior parte das pessoas teria mais bom senso.

O visitante confirmou acenando com a cabeça. — Tenho de concordar. Apesar de estar bastante agradecido por a sua filha não ter...

— Bom dia! Olá a todos. — Um homem pequeno com um casaco

*bordeaux* de bombazina por cima de uma camisola verde tricotada à mão aproximou-se ruidosamente deles. Apertando a mão de Lola e ao mesmo tempo fechando as cortinas em volta da cama, disse — Sou o Dr. Palmer, o seu médico. Vou examiná-la rapidamente, está bem? Se pudessem sair durante dez minutos, agradecia. Bem, tem um galo com um bom tamanho na cabeça. Como se sente depois da pequena aventura ontem?

— Excelente. — Lola observava a velocidade hipnotizante a que ele começou a testar os seus reflexos, os olhos, a coordenação. — Vai fazer-me perguntas?

— Claro que sim.

Não consegui evitar sentir-se um pouco presunçosa. — A capital da Austrália é Camberra.

— A sério? Sempre pensei que fosse Sydney. Devo confessar que nunca fui muito bom com as capitais. Quando examino os meus pacientes, prefiro perguntar-lhes a tabuada. Quanto é vinte e sete vezes sessenta e três?

— Hum... — Lola começou a entrar em pânico; três vezes sete são vinte e um, e vão dois e...

— Estou a brincar. — Os olhos do Sr. Palmer cintilaram ao apanhar a ficha dela. — Que dia é hoje?

— Quarta-feira, quatro de Dezembro. — Fogo, assim era melhor, esse era o tipo de pergunta que ela podia responder.

— Obrigado. — Anotou a data na página em branco e depois acrescentou “N/E NAD”.

— O que quer dizer NAD? — Lola espreitou. — Não diga que é Neurótica, Assustada e Demente.

O médico riu. — Em exame, nenhuma anormalidade detetada.

— A minha mãe se calhar não concorda consigo. Isso quer dizer que posso ir para casa?

— Acho que a podemos deixar ir.

Lola radiante mexia rapidamente os pés. — Excelente.

— Que homem charmoso. — Blythe, claramente bastante espantada com o Philip Nicholson, encontrou os sapatos brilhantes de Lola no fundo da mesa da cabeceira. — E tão agradecido. A sua mulher está na Enfermaria Treze, no andar de cima. Coitada, ao que parece, o rosto dela está numa lástima. Antes que me esqueça, acho que te vão enviar flores. Ele pediu a tua morada.

— Se estão assim tão agradecidos, podiam enviar-me também chocolates. Telefonaste para o trabalho?

— Sim. Disse-lhes que só voltarias ao trabalho na próxima semana.

— Com quem falaste? O que responderam?

— Foi com a Cheryl. — Brythe entregou-lhe o casaco de veludo recordado como se Lola tivesse seis anos. — E foi bastante difícil ouvir o que ela dizia. Toda a gente aplaudia tão alto quando ouviram que não ias trabalhar, quase que não percebia uma palavra.

— Que lata! Toda a gente me adora no trabalho. A sério! — disse Lola. — Se o Philip Nicholson quer dar-me algo realmente útil, uma nova mãe não caía mal.

## Capítulo 6

«isto é maravilhoso. Sinto-me como uma rainha. — Ficar em casa e ver tanto alvoroço por causa de si própria era uma grande novidade e Lola saboreava todos os minutos. Quando o médico oficialmente nos passa uma baixa, bem, mais vale encostarmo-nos e aproveitar. Os amigos ligaram, trouxeram croissants de chocolate e fofocas do mundo exterior, alguns agentes da polícia apareceram para informar que os assaltantes tinham sido apanhados, e Blythe viera o dia anterior para fazer as limpezas da primavera — bem, do inverno.

O melhor de tudo era ter Gabe às suas ordens.

— És uma fraude. — Trouxe a tosta de queijo e cogumelos que acabara de fazer. — Não tens de estar na cama.

— Eu sei. — Lola aflagava com alegria o edredão de penas de ganso bastante esponjoso, todo cheio de ar à sua volta tal qual uma nuvem e ajeitou-se numa posição mais confortável. — Mas recebo muito mais compaixão assim. É como voltar aos tempos da escola e ficar em casa com amigdalite. Mesmo confortável, a passar o dia a ver televisão, toda a gente a ser ainda mais simpático e sabendo que estamos a faltar a uma aula dupla de educação física. Uu, deu uma dentada na tosta e apanhou um fio de queijo derretido antes de se colar ao queijo.

— Hum. É o paraíso. Oh Gabe, não vás para a Austrália. Fica aqui a fazer-me tostas para sempre.

Gabe procurou os dedos dos pés dela e fez cócegas. — O teu último escravo morreu do quê mesmo?

— Nada. Nunca tive um escravo antes, mas agora tenho a certeza de que quero um. — Naquele momento a campainha da porta soou no piso inferior. — Para, por exemplo, quando a campainha toca — disse Lola. — E pedirmos a alguém para descer e ver quem é.

— Sou eu, então.

— Desculpa. Iria eu própria se pudesse. — Lola encolheu os ombros com pena. — Mas estou inválida.

Voltou passado alguns minutos com um braço cheio de rosas brancas amarradas com um cordel e envolvidas em celofane.

— Flores para a menina. De um florista *muito* sofisticado. Aqui está o cartão. — Gabe atirou um envelope azul brilhante na direção da Lola. — A não ser que queiras que o leia em voz alta por estares demasiado doente.

— Eu safo-me. — Lola por não ter amigos que usassem uma empresa tão opulenta, já adivinhava a identidade do remetente. E não estava enganada. — São do Philip Nicholson. Espera que esteja melhor. A sua esposa teve alta do hospital ontem. — Interrompeu para depois continuar a ler. — Convida-me para uma festa na casa deles para que a possa conhecer e me possam agradecer devidamente.

— Não podes ir a uma festa. Estás inválida.

— É na próxima sexta-feira. É daqui a sete dias. Até lá fico boa. Foram simpáticos em convidarem-me. — Lola hesitou, fazendo uma careta. — Mas não será um pouco embaraçoso?

— Diz a rapariga que já colou o dedo à testa e teve de esperar na triagem durante seis horas até que a enfermeira o pudesse descolar.

Verdade, isso foi mais embaraçoso.

— Mesmo assim não tenho a certeza. Vivem em Barnes. — Lola verificou a morada. — Parece fino.

— Irias ferir a suscetibilidade deles se não fosses.

Era verdade.

— E devem querer que eu vá. — Mostrou a Gabe a carta escrita à mão. — Até preparou um carro para me vir buscar aqui. Credo, agora é que me sinto *mesmo* como uma rainha. — Depois de acabar a tosta, Lola lembrou-se. — Ainda há *cheesecake* de damasco?

— Não, já comeste.

— Oh. Bem, podemos comprar mais?

Gabe revirou os olhos. — Devias mesmo voltar para o trabalho. Estás a tornar-te na Maria Antonieta.

Cinco dias depois, Lola voltou. Adorava o trabalho e adorava os clientes — lidar com o público era o seu ponto forte — mas, por vezes, eram capazes de testar a paciência dela. Em especial no período anterior ao Natal, quando grandes hordas de pessoas, que não se aventuravam a entrar em livrarias em qualquer outra altura do ano, afluíam pelas portas com uma grande Necessidade de Comprar juntamente com Nenhuma Ideia do Quê.

Podia ser um desafio agradável. Também podia ser a estrada para a loucura. Ficar na cama a ver os adoráveis Fern e Phil<sup>6</sup> e mergulhar *marshmallows* em chocolate quente parecia um sonho distante.

---

<sup>6</sup> N. do T.: Fern and Phil refere-se ao programa televisivo matinal britânico *This Morning* apresentado por Fern Britton e Phillip Schofield.

— Não, não. Não é nenhum desses. — A mulher com o chapéu-de-chuva de plástico na cabeça a proteger o cabelo — mas porquê? Hoje não estava a chover — rejeitou a seleção de livros que Lola lhe mostrara.

— Muito bem. É tudo o que temos em *stock* sobre insetos. Se quiser, posso procurar no computador e...

— Não procuro *nada* parecido com estes — ripostou a mulher. — O que procuro não tem imagens.

Um livro acerca de insetos sem ilustrações de insetos. Hum, isso provavelmente explica por que razão não foi encomendado.

— Reconheceria a capa se a visse?

— Não.

Lola tentou pela terceira vez. — E não se lembra mesmo do nome do autor?

A mulher franziu o sobrolho. — Não. Pensava que saberia o nome.

Estava claramente desiludida, sentindo-se bastante defraudada pelos funcionários da Kingsley. — Lamento imenso — disse Lola. — Não sei o que mais possa fazer para a ajudar. Lamento mas não vamos poder...

— Oinc! Oinc!

Está bem! — Desculpe?

A mulher disse triunfantemente: — Tem um porco!

Um porco. Muito bem! Um porco num livro acerca de insetos. Zrrrr, o cérebro de Lola rodopiava, assimilando esta nova e provavelmente decisiva pista. Zzzzrrrrrr...

— Será o *Senhor das Moscas*?

— Sim! É esse mesmo!

Lola trocou um olhar com um cliente masculino mais velho que, naquele momento, folheava um livro sobre fazer caiaque no Nilo. Durante meio segundo, viu o vislumbre de uma gargalhada abafada nos olhos dele e quase que se desmanchou.

Mas não. Era uma profissional. Lola disse alegremente para a mulher com o chapéu-de-chuva: — É um romance de William Golding. Deixe-me mostrar-lhe aonde pode o encontrar. — E orientou-a para a secção de ficção.

Quando voltou, o Homem Caiaque aguardava-a para falar com ela — Olá. Já agora, deixe-me lhe dar os parabéns pela maneira como lidou com a sua última cliente.

— Faz parte do meu trabalho. Quase que me fez rir.

— Desculpe. — Pousou o livro de caiaque. — De qualquer das formas, espero que me possa ajudar.

Lola sorriu; tinha um rosto elegante e inteligente. — Dispare. Gosto de desafios.

— Jane Austen. A minha mulher leu todos os livros dela. Pergunto-me se escreveu algum novo este ano.

Lola esperou que piscasse o olho. Não piscou. Desanimou.

— Lamento, mas a Jane Austen não é viva.

— Verdade? Oh, que pena, a minha esposa *terá* muita pena em ouvir isso. Deve-nos ter escapado o obituário dela no *Telegraph*. Morreu de quê, sabe?

— Hum... — Do que Jane Austen teria morrido? Talvez ferimentos múltiplos devido a um acidente de paraquedas? Teria batido com o jet-sky? Talvez tenha sido...

— Lola, há uma pessoa que quer falar contigo. — Era Cheryl com uma voz apoloética. — Uma equipa da estação televisiva está a entrevistar os gerentes de lojas acerca das compras de natal e perguntaram se podias dispensar cinco minutos. Se estiveres muito ocupada, Tim diz que terá todo o gosto em o fazer.

— Claro que sim. — Tim estava obcecado com a ideia de aparecer na televisão; era por isso que ia a todas as estreias cinematográficas em Leicester Square, a razão pela qual se vestiu como uma galinha para ir às audições do *Fator X* (os juízes disseram-lhe para cacarejar dali para fora) e o que o impulsionou a levantar-se na assistência do *Trisha*<sup>7</sup> para anunciar que quando era bebé fora encontrado abandonado numa caixa de cartão na estação de metro Victoria e estava desesperadamente à procura da mãe. A mãe, que estava a passar a ferro uma pilha de camisas do filho quando o programa passou no ar, deu-lhe uma boa bofetada na cara quando ele chegou a casa naquela tarde.

— Não há problema. Eu mesma falo com eles. — Quando nos sentimos atraentes, seria uma pena desperdiçar a oportunidade. — Cheryl, podes ajudar este senhor? A mulher dele leu todos os livros de Jane Austen e, portanto, se calhar podia gostar das sequelas de um outro autor.

Lola pediu licença e dirigiu-se ao jovem jornalista do sexo masculino que esperava nas caixas com o operador de câmara e a sua assistente. — Bom dia. Sou a Lola Malone. Aonde quer fazer a entrevista?

O jornalista respondeu: — Oh, penso que devíamos entrevistar o gerente.

— Eu sou a gerente.

— Raios, a sério? — O jornalista — que se assemelhava a um jornalista — observou o top preto insinuante, a saia cor-de-rosa fúcsia e as longas pernas em meias pretas opacas de Lola. — Não parece ser a gerente de uma livraria.

---

<sup>7</sup> N. do T.: *Trisha* é um talk show britânico.

— Lamento. Está à espera de alguém mais desmazelado?

Parecia confuso. — Sim, bem, se calhar estava.

Era um preconceito que deixava a Lola doida e lhe fazia querer arrancar os dentes das pessoas. — Posso sair e comprar um casaco de malha cinzento, se quiserem.

— Está a brincar. Não, está *fantástica*. — Afastou as mãos em admiração. — Raios, simplesmente não pensei que...

— Devia sair mais vezes. — Lola piscou o olho, porque também era um preconceito que gostava de estilhaçar. — Tente visitar mais livrarias. Talvez tenha uma surpresa — hoje em dia, alguns gestores nem usam tweed.

## Capítulo 7

A peça foi para o ar no jornal da noite local dois dias depois. Durou menos de noventa segundos e o jornalista fizera algumas perguntas bastante idiotas, mas Lola, ao ver-se na televisão ao mesmo tempo que colocava no cabelo ferros de frisar, achou que se saiu bastante bem. Não era fácil ser espirituosa e brilhante ao responder a: “*E aqui estamos, na Kingsley da Regent Street, a menos de duas semanas do Natal! Então, quão atarefados têm estado nesta loja?*”

O impulso de estender os braços como um pescador e dizer “Deste tamanho.” fora grande.

— Bem? — Lola, ainda empunhando os ferros, virou-se para olhar para Gabe quando a peça terminou.

— Sim, foste mesmo tu.

— Estive bem?

Gabe estava ocupado a abrir a embalagem de uma barra de Twix. — Respondeste às perguntas dele, não arrotaste nem praguejaste ou bebeste um gole de vodka. Só podem ser boas notícias.

— Mas estava *bonita*?

— Estavas maravilhosa e sabes disso. A que horas o carro chega?

— Sete e trinta. Achas que leve o vestido vermelho ou o azul? — Lola, com a ondulação completa, debruçou-se e deu uma sacudidela ao cabelo de baixo para cima com vigor. — Sinto-me bastante ansiosa. Não conheço mais ninguém lá. E se tudo for bastante embaraçoso e quiser fugir, mas não me deixarem sair?

— Muito bem. Vais chegar lá por volta das oito. Deixa o telemóvel ligado e telefonar-te-ei às nove — disse Gabe. — Se estiveres desesperada por sair de lá, diz-lhes que sou a tua melhor amiga e que estou em trabalho de parto.

— És o meu herói. As coisas que fazes por mim. O que irei fazer quando fores embora? — Lola de novo na horizontal, abraçou-o e depois investiu, rápida como o relâmpago, na direção do Twix que estava na sua mão. Foi rápida, mas não o suficiente.

— Tenho a certeza de que te irás safar. — Grabe partiu um bocado e

deu-lhe. — Rapidamente arranjarás outro qualquer pobre coitado a quem roubares barras de Twix.

Às sete e quinze, Lola estava pronta para sair — está bem, não era elegante ser pontual, mas ela simplesmente não conseguia evitar — e espreitava pela janela.

— Não seria fantástico se enviassem uma limusina?

Gabe olhou horrorizado. — Isso seria *tão* piroso.

— Porquê? Adoro-as. — Está bem, ela era pirosa e deselegante.

— Não tenhas muitas esperanças. Ao que parece, este tipo tem melhor gosto do que tu. Na verdade — Gabe continuou quando um rouco ronco encheu a rua lá fora — aquilo pode ser a tua boleia.

Era a vez de Lola ficar chocada. Premindo o nariz contra o vidro enquanto a mota deslocava-se com ruído até parar lá fora, viu o condutor de capacete desmontar. Seguramente que não. Se alguém disser que envia um carro não economiza ao último minuto e manda uma mota. Pois não? Oh meu Deus, o cabelo ficaria numa *lástima*...

— Olá, Lola. — Fogo, o pânico terminara, era apenas o Marcus.

— Olá, futuro vizinho! Sobe — disse Lola. — O Gabe está cá em casa.

Já na sala de estar de Lola, agarrando no capacete e com um olhar envergonhado, Marcus disse: — Tudo bem, puto? Tenho boas e más notícias.

— Conta — incitou Gabe.

— Bem, eu e a Carol estamos juntos de novo, ela deu-me uma última oportunidade. E eu vou aproveitar. Vou virar uma nova página. Excelente, não é? Essas são as boas notícias. — Um sorriso envergonhado alastrou-se pelo rosto tímido de Marcus. — Mas isso quer dizer que afinal de contas não me vou mudar, amigo. Desculpa.

Gabe encolheu os ombros, já tendo adivinhado em grande medida o que o Marcus viera revelar. — Bem, acho que não te posso culpar. Um pouco em cima da hora, já que vou embora na próxima semana.

— Eu sei. Desculpa.

— Agora vou ter de me registar numa agência imobiliária.

— Acho que conheço uma pessoa que possa estar interessada. — Ansioso por ajudar, Marcus disse: — Há um tipo no meu clube de motas cujos pais estão desejosos para que ele saia de casa. Ele pode estar interessado.

Lola imaginou um adolescente desengonçado com espinhas e pontos negros a convidar centenas dos seus amigos desengonçados com espinhas e pontos negros para festas. — Que idade tem?

— Terry? Cinquenta e poucos. Não faças essa cara. — Marcus viu a careta que Lola fazia para Gabe. — O Terry é um rapaz simpático. E trabalha

num matadouro — continuou de modo encorajante — e nunca terias falta de costeletas de porco.

O carro, um Mercedes preto brilhante, chegou às sete e trinta em ponto. Não era uma limusina, mas era, sem dúvida, o carro mais limpo e nas melhores condições que Lola já vira, e saber que não tinha de pagar um preço exorbitante no final tornava a viagem ainda mais prazenteira. Encostou-se para trás enquanto o carro ronronava ao longo do caminho, sentindo-se realza e bastante tentada em acenar graciosamente para as pobres pessoas que caminhavam penosamente pelos passeios do outro lado do vidro fumado.

A casa, quando lá chegaram, vitoriana e com frente dupla, era tão impressionante quanto Lola imaginou. A rampa da entrada estava repleta de carros e luzes tremeluzentes de Natal brancas e discretas, guarnecendo os loureiros em vasos quadrados em pedra, que flanqueavam a porta da frente azul-escura extremamente brilhante. Lola esperava ser sofisticada o suficiente, um dia, para se restringir a discretas luzes de natal brancas; atualmente, era mais do tipo de rapariga de todas as cores berrantes imagináveis e todas o mais vistosas possíveis.

Tentou dar uma gorjeta ao motorista Ken, mas ele não aceitou o dinheiro. O que foi ainda mais estranho do que não ter de pagar o serviço.

Até a campainha de bronze era elegante. Lola apertou ao seu lado a mala de mão com lantejoulas da Accessorize — como se fosse provável que alguém a tentasse roubar *ali* — e respirou fundo algumas vezes. Não era do seu feitio estar nervosa. Era bastante fora do vulgar o facto de que tentar lutar contra dois ladrões não ter sido angustiante, mas isto era.

De seguida, a porta foi aberta e lá estava o Sr. Nicholson com o seu encantador sorriso acolhedor e ela descontraiu.

— Lola, chegou! Que adorável vê-la de novo. Estou feliz por ter vindo!  
— Deu-lhe um beijo no rosto. — E está maravilhosa.

Em comparação com a última vez que ele a vira, devia estar. Não ter o cabelo por pentear e ensopado de sangue era sempre um bónus.

— Também é um prazer vê-lo de novo, Sr. Nicholson.

— Trate-me por Philip, por favor. Agora, a questão é que a minha mulher não sabe que a convidei. É a nossa convidada de honra surpresa. — Os seus olhos cinzentos brilhavam à medida que a encaminhava pela entrada revestida de madeira para uma porta no canto contrário. — Mal posso esperar para ver a reação dela quando se aperceber de quem é.

Philip Nicholson abriu a porta e acompanhou Lola para a vasta salão para receções brilhante e repleta de pessoas, todas envolvidas nas suas conversas e vestidas a rigor. Uma loura de trinta e tal anos em verde-azulado

tocou no braço dele e ergueu as sobrancelhas interrogativamente; quando ele acenou com a cabeça afirmativamente, sorriu para Lola e sussurrou: — Oh, estou tão entusiasmada. Isto vai ser formidável!

— É a minha enteada — murmurou Philip explicando. Acenando com a cabeça, desta vez na direção da lareira, acrescentou: — Aquela é a minha mulher ali, no vestido laranja.

Laranja, minha nossa. Apenas um homem chamaria aquilo laranja. A mulher magra e elegante, virada de costas para eles a falar com um outro casal, exibiu um vestido de veludo *devoré* em deliciosos tons de castanho-avermelhado, bronze e amarelo-alaranjado. O cabelo fora penteado num chinó deslumbrante e usava pérolas em volta do pescoço que até ao longe se viam que eram verdadeiras.

Nessa altura, Philip chamou “Querida..” e ela virou-se para o olhar. Num piscar de olhos, Lola tinha de novo dezassete.

O olhar pasmado de Adele Tennant, por conseguinte, fixou-se em Lola e inspirou fundo e sonoramente.

— Meu Deus, o que está aqui a fazer? — A voz dela, gélida com incredulidade, virou-se explicitamente para Philip Nicholson. — Ela apareceu simplesmente à nossa porta? Estás louco em deixá-la entrar na nossa casa?

Coitado do Philip, o choque dele era palpável. Lola, que também estava bastante surpreendida, não conseguia perceber de quem mais tinha pena, dele ou de si própria.

— Como é que descobriu aonde vivo? — Os olhos de Adele contraíram com suspeita. — Como é que me encontrou? Meu Deus, tem cá uma lata. Isto é uma *feita privada*...

— Adele, para com isso. — Interveio Philip por fim, erguendo as mãos em protesto, escandalizado. — Era para ser uma surpresa. Esta é a Lola Malone, ela...

— Eu sei que é a Lola Malone! Não estou senil, Philip! E se ela apareceu aqui para vir atrás do meu filho... bem, posso já dizer, que é melhor dar meia volta.

Ai, o Dougie! Como se tivesse sido atacada com uma arma de choque de gado, Lola virou-se; estaria ele na sala? Não, nenhum sinal dele, a não ser que tenha ficado careca e mudado de sexo.

— Lamento muito. — Philip Nicholson abanou a cabeça negativamente para Lola, pedindo desculpa. — Isto é muito desagradável. Adele, para de me interromper e ouve, está bem? Não sei o que se passou no passado, mas eu convidei a Lola para cá vir esta noite, porque foi ela que foi em teu socorro quando foste assaltada. — Ouvia-se a voz dele a alterar com a emoção. — Ela *salvou* a tua vida.

E o pior, pensou Lola, é que ela começou a pensar que não se devia ter dado ao trabalho.

Pronto, bem sei que não se deve dizer isso. Pelo menos a declaração de Philip foi bem-sucedida em calar a Adele; quando o cérebro dela estava ocupado em assimilar esta informação indesejada, a boca dela fechou com um estalido tal qual uma armadilha de batom cinzento-acastanhado.

— Pensei que gostarias de ter a oportunidade de lhe agradeceres pessoalmente — continuou Philip, e, de repente, parecia um diretor da escola entristecido pelo comportamento insubordinado de uma adolescente indisciplinada.

As pessoas começaram a reparar. O casal com quem a Adele falava observava avidamente a conversa. A loura enteada de Philip — meu Deus, o que significava que era a irmã mais velha de Dougie — chegou-se perto e disse, abismada: — Mãe? Está tudo bem?

— Sim. — Adele, recuperando, conseguiu desenhar o mais glacial dos sorrisos e olhou diretamente para Lola. — Então, foste tu. Bem ... o que posso dizer? Obrigada.

— De nada. — Não parecia ser a resposta certa, mas o que mais poderia ela dizer? *O prazer foi todo meu?*

— Foste muito corajosa — exclamou a irmã de Dougie. Como se chama mesmo? Sally, não era? — Nem consigo imaginar o que teria acontecido à mãe se não tivesses investido daquela maneira. Foste fantástica!

Lola conseguiu manter um sorriso adequadamente modesto, enquanto a sua memória rebobinou atarefadamente para aquela emocionante noite há dez dias. Eeuurrgh, afagara o tornozelo de Adele, *apertara a coxa* de Adele Tennant...

À exceção de que já não era Adele Tennant. Passara a ser a Adele Nicholson.

— Voltou a casar — disse Lola, desejosa por fazer perguntas acerca do Doug e sentindo o estômago a apertar apenas por pensar nele.

— Há quatro anos. — Adele fora forçada a ser bem-educada, por entre os dedos cerrados, desejando que ela não estivesse ali.

— Parabéns. — Lola perguntou-se o que o Philip, que era *encantador*, fizera para merecer a Cruella de Vil como mulher. Ao que tudo indicava, Adele devia ter qualidades redentoras; Lola apenas ainda não as encontrara.

— Obrigada. Bem, foi... bom vê-la de novo. Posso oferecer-lhe uma bebida? Ou — disse Adele com esperança —, não pode ficar?

De repente, sair rapidamente parecia ser bastante desejável. Uma excelente ideia. Já que todos os minutos ali passados deveriam ser claramente uma provação excruciante, Lola olhou para o relógio e disse: — Na verdade, há outra coisa que tinha para...

— Aqui está ele! — exclamou Sally, o rosto a iluminar-se ao acenar do outro lado da sala a chamar a atenção de alguém. — Olha, estamos aqui! E que horas são estas? Estás *atrasado*.

Lola não precisava de se virar. Sabia muito bem quem era. Alguma certeza interior dizia-lhe que Dougie entrara na salão para receções; ela conseguia *sentir* a presença dele atrás de si. De repente, todas as moléculas do seu corpo estavam em alerta vermelho e já não respirava.

Dougie. Doug. A pessoa que pensava que nunca mais iria ver.

— Desculpem, fiquei retido numa reunião. Há pessoas que têm trabalhos na verdadeira acessão da palavra. Boa noite a todos os presentes, como estão? O que perdi?

## Capítulo 8

Lola silvava por todos os poros; agora é que se esquecera por completo de como se respira. Só que seria muito embaraçoso se desmaiasse em frente de toda a gente; quando tal aconteceu a uma mulher na loja no verão anterior, perdera por completo o controlo da bexiga.

Imaginem recuperar os sentidos, rodeada pelo Dougie e pela família dele, e descobrir que estava deitada numa poça de urina.

Mas este era o género de situação para o qual era necessário tempo para nos prepararmos, tempo que não lhe deram, e agora cairia no erro habitual de ser inapropriadamente petulante. Quando na verdade, estava repleta de uma mistura de vertiginosa excitação — talvez vinte por cento — e oitenta por cento de medo e temor. Porque, no que dizia respeito ao Dougie, ela deixara-o sem dizer uma palavra, dera-lhe com os pés e fugira para o estrangeiro sem uma explicação devida. Seriam dez anos o tempo suficiente para ele a perdoar?

— Bem. — Sally, piscando o olho para Lola, falou com satisfação. — O Philip presenteou-nos com uma convidada surpresa...

Que acabou por ser uma convidada muito surpreendida. Lola enfiou as unhas na palma nas mãos — aceita a dor, aceita a dor e *não* desmaies — e virou-se para o olhar.

— Olá, Dougie.

Durante meio segundo, fitaram-se nos olhos e foi como se a última década nunca acontecera. O Doug estava igual, mas mais alto, largo e *melhor*. Sempre fora bonito, com a capacidade de fazer parar o trânsito, e agora aqui estava, tendo o mesmo efeito, hipnotizando-a de novo.

Só que teria sido melhor se ele sorrisse, parecesse um pouco menos glacial do que estava.

Está bem, talvez seja pouco provável, mas teria sido agradável na mesma. Mesmo que fosse apenas para ser bem-educado.

— Lola. — Os ombros de Doug endureceram como se fosse um inspetor tributário. Procurando manter a voz neutra, ele disse: — O que te traz por cá?

Ai, Deus. Isto era horrível, todos aqueles antigos sentimentos turbu-

lentos voltavam. Lola nunca fora capaz de o esquecer; ele fora o seu primeiro amor.

Ainda por cima, apercebendo-se de que nunca mais se repetira, o seu único amor.

— Fui eu — disse Philip. — Desculpa, espero que não seja estranho, mas não fazia ideia de que se conheciam. De qualquer das formas, acho que é irrelevante agora. — Philip lançou um olhar de aviso para a Adele com a sua boca como uma ameixa e descansou uma mão tranquilizadora no ombro de Lola. — Nestas circunstâncias, tenho a certeza de que podemos deixar o passado para trás. Doug, esta é a jovem rapariga que foi ao socorro da tua mãe quando foi atacada.

A expressão de Dougie alterou-se. — Ai, a sério? Foste *tu*? Não sabíamos. É incrível.

— A polícia disse-me que o nome dela era Lauren qualquer coisa — disse Adele idiotamente e com um tom de acusação, como se Lola o tivesse feito de propósito.

— É é. Mas chamam-me Lola desde que nasci. Foi uma daquelas alunas que ficam.

— Bem, obrigada pelo que fizeste. — Já se podia ver algum afeto nos olhos de Dougie, superando a ponderação inicial. — Pelo que ouvi, foste bastante fantástica.

Oh, se *fui*. Tremendo por dentro, Lola fez o melhor para parecer fantástica, mas ao mesmo tempo incrivelmente modesta. A separação dera-se há uma década; eram praticamente crianças naquela altura. Com certeza que Doug a perdoaria por ela o ter deixado. — Bem, quando alguém precisa de ajuda, nós atiramo-nos, não paramos para pensar que...

— Ah, já percebi! — Sally deixou escapar um pequeno guincho de reconhecimento e apontou excitadamente para Lola. — És a namorada que nunca cheguei a conhecer! Vocês namoravam quando eu morava em Dublin com o Tim, o Tanso! Depois, desapareceste e partiste o coração dele!

Ai, não digas disso, *por favor* não digas isso. Peço imensa desculpa, eu não o quis fazer, desejava Lola confessar. Também parti o meu coração!

Doug disse secamente: — Muito obrigado, Sal.

— Ah, vá lá, foi há séculos, ficou tudo no passado. E ela partiu o teu coração. — Sally deu-lhe uma cotovelada nas costelas. — Eras uma dor de cabeça, não te lembras? Tudo porque não conseguias acreditar que a tua namorada te dera com os pés e pirara-se para o estrangeiro. — Ela acotovelou Lola e acrescentou alegremente: — Na minha opinião, fez-lhe muito bem.

— Que engraçado — disse Doug —, não me lembro de ninguém te ter perguntado a tua opinião.

— Já chega. — Interferiu Adele antes de começar a briga. — Doug, os Mastersons querem ir embora em breve, mas não sem antes de te verem.

— Vou já. Assim que me tiver servido de uma bebida. — Doug, claramente feliz pela comutação da pena, olhou para a Lola e Sally e disse: — Com a vossa licença, falamos depois.

Observaram Doug a atravessar o salão com Adele, enquanto Philip foi procurar um empregado de mesa.

— Ali vai um irmão atrapalhado — observou Sally com regozijo. — Raios, como gosto quando isso acontece.

A culpa e a dor serpenteavam pelo estômago de Lola. — Parti-lhe mesmo o coração?

— Em cheio! Ele ficou em cacos! Oh, isso é teu? — O telefone de Lola chilreava na mala. Lola agarrou-o e o nome de Gabe tremeluzia na sua cara.

— Está à vontade. — Sally fez gestos encorajadores para que ela atendesse.

— Obrigada. Desculpa, é só um minuto para atender lá fora. — Lola, desejosa por desabafar com Gabe, pediu licença e fugiu da festa. Atravessou a entrada, silenciosamente saiu da casa — mais vale prevenir do que remediar — e atendeu o telefone.

— Sei que estou a ligar cedo — disse Gabe. — Não consegui esperar. Então, como está a correr? Estão a encher-te de diamantes?

Ela sorriu na escuridão. — Diamantes, que simpático que teria sido. Pensa mais em balas.

— O quê? Mas porquê?

— Nem vais acreditar no que se passa aqui. — Lola continuou a andar para se manter quente, em volta da casa e ao longo de um caminho de pedra estreita em direção a um terraço coberto de madeira e talhado à mão. — A mulher que foi assaltada não é nada mais nada menos do que a mãe de um antigo namorado. E ela odiava-me! Se soubesse que era ela, teria corrido na direção contrária. Devias ter visto a cara dela esta noite quando descobriu que fui eu que a ajudei!

— Então, estás de saída? Será que sinto uma contração a chegar?

— Espera, não comeses já a pôr as chaleiras ao lume. Eu *ia*-me ir embora — disse Lola. — Deus, foi horrível, mal podia esperar para sair dali. E nem é preciso dizer que a Bruxa Malvada mal me podia ver pelas costas. — Parou a reviver o momento em que o estômago deu uma volta. — Mas depois aconteceu. *Ele* apareceu. Oh Gabe, nem consigo descrever como me senti. Pensava que nunca mais veria o Dougie, mas vi. E está mais lindo do que nunca. É como um milagre, não consigo acreditar que ele esteja aqui. Por isso, agora não me vou embora, mesmo que a detestável mãe dele quisesse. Vou falar com ele como deve ser, ele chegou mesmo agora e, até

agora, tem sido um pouco estranho. De momento, estamos bastante atordoados. Mas... ó Deus, é simplesmente tão fantástico vê-lo de novo, há tanto tempo que não estou assim tão entusiasmada...

— Ai. Ai. Tem mas é calma contigo. Não achas que te estás a entusiasmar um bocadinho demais? Se este tipo já te largou uma vez, o que te faz pensar que ele está entusiasmado por te ver de novo? — Gabe, na qualidade de um homem heterossexual que já rejeitou centenas de fêmeas chorosas no seu tempo de vida, disse como aviso: — O que te faz pensar que ele até quer *falar* contigo?

— Gabe, tu não estás a perceber. Ele não é *um* ex-namorado. Ele é o ex-namorado. Além disso, ele não me deixou. Fui eu que o deixei. — Lola engoliu em seco. — Segundo a irmã dele, parti-lhe o coração.

— E agora olhaste bem para ele e decidiste que o queres de volta. Confia em mim — disse Gabe —, é a receita para o desastre. Nunca podes voltar atrás. Seja o que for que te irritava nele antes, irá apenas irritar-te mais.

— Por amor de Deus, paras de me repreender? Estamos a falar do meu primeiro amor! Éramos doidos um pelo outro. O Dougie ia começar o curso na Universidade de Edimburgo — Lola andava de um lado para o outro pelo caminho de laje na tentativa de se manter quente —, e planeávamos visitar-nos fim de semana sim fim de semana não, mas se não resultasse, eu ia mudar-me para ao pé dele para estarmos juntos. Nem imaginas o quão felizes éramos juntos.

Ouviu Gabe a resfolegar com escárnio. — Eras tão feliz e acabaste a relação. Faz todo o sentido.

— Mas, a questão foi mesmo essa, eu *não queria* terminar a relação. A maldita da mãe dele obrigou-me! — Lola apertou os olhos ao reviver o encontro hediondo de há muito tempo no carro imerso em preto; o cheiro de pele cara dos estofos assombrara-a desde então. — Ela odiava-me, pensava que era uma má influência para seu precioso menino de ouro... Estava aterrorizada que eu desviasse a sua atenção dos estudos ou, até pior, que o convencesse a desistir da faculdade.

— Então, ela pediu para que deixasses de sair com o filho dela. Erm... — disse Gabe —, passou-te pela cabeça dizer que não?

— Ela não me pediu. Fez-me uma proposta que não pude recusar. — Lola odiava até ter de pensar naquele pormenor; passara anos a empregar todos os seus melhores esforços para eliminá-lo da sua mente.

— Estás a brincar? — Por fim, tinha a atenção incondicional de Gabe. — Como assim, nadar com os peixinhos? Ela ameaçou-te com todas as letras com um sobretudo de betão e uma viagem para o fundo do Tamisa?

— Não foi desse género. Ela ofereceu-me dinheiro. Eu tinha dezasseis anos. — Naquele momento, Lola conseguia sentir um sabor amargo

na boca; independentemente de quão irresistível era a razão, a verdade incontornável era que traíra o seu namorado. — E ela ofereceu-me onze mil euros para deixar o Dougie.

— Que *aceitaste*?

— Que aceitei. — O sabor amargo era de culpa; não era uma decisão da qual se orgulhasse, daí nunca ter contado ao Gabe.

Gabe deixou fugir uma gargalhada incrédula. — Deixaste-a comprar-te?

Lola tremeu ao sentir uma rajada de vento gelado a envolver-se em volta do seu estômago. — Não quis, mas fui obrigada.

— Fogo! Onze *mil*. Gastaste em quê?

Lola hesitou, mas não valia a pena; ela não lhe conseguia dizer. Alex, atormentado pelo remorso suplicara-lhe que nunca revelasse o segredo deles a outra viva alma e era uma promessa que devia manter. O Alex já podia ter partido, mas a mãe dela nunca poderia descobrir o que acontecera. O que significava que nunca poderia contar a ninguém. Abafando a memória, Lola disse: — Precisava apenas. Não percebo por que razão...

*Crackkk.*

Gelara com o som de um galho seco a partir debaixo dos pés atrás de si. Lola, virando-se com o coração na garganta, avistou a figura alta na escuridão na entrada do jardim de rosas.

Não era qualquer figura alta. Aquela silhueta era instantaneamente reconhecível.

— Onze mil euros — disse uma voz baixa tão incrédula quanto a de Gabe.

Oh Deus.

— Não percebes por que razão o quê? — queixou-se Gabe, para quem a paciência não era um ponto forte. — Não pares! O que há para compreender?

— Telefono-te mais tarde. — Lola com a mão repentinamente a tremer com mais do que frio, terminou a chamada e deixou cair o telefone para dentro da mala.

## Capítulo 9

Onze mil euros — repetiu Doug, acenando em reprovação com a cabeça.

Lola engoliu em seco. — A tua mãe estava desesperada para nos separar.

— Não posso acreditar no que estou a ouvir. — Aproximou-se dela. — Escreveste uma carta e deixaste o país.

— Porque foi o que ela queria que eu fizesse. Percebes? Tudo o que disse na carta não era verdade! — Lola sabia que tinha de fazer com que ele percebesse. — Eu ainda te amava! O meu coração também ficou partido. Fiquei numa lástima durante *meses a fio*.

— Ai, não me venhas com essa. — O tom de Doug tornou-se mais brusco. — Já ouvi algumas desculpas no meu tempo, mas...

— Dougie, não estou a mentir! E lamento, lamento *muito* ter-te magoado. Mas a ideia foi da tua mãe, foi ela que me ofereceu o dinheiro. E confia em mim, ela *estava* desesperada — argumentou Lola. — Se tivesse recusado, ela teria arranjado uma outra forma de se livrar de mim.

— Cristo! Podias ter contado! Nunca te passou pela cabeça contar-me o que se passava? Não pensaste que seria justo me perguntares qual era a *minha* opinião?

— Sim, eu ia. — Os punhos de Lola fechados com a frustração; não poder contar a verdade a ele significava que ele iria pensar que ela era uma cabra mercenária. Desamparadamente disse: — Mas tu ias mudar-te para Edimburgo, já saías com todas aquelas raparigas lá...

— *O quê?*

— Éramos tão novos! Qual era a probabilidade, realisticamente, de ficarmos juntos? Eu sabia que te amava — continuava Lola desesperada sem parar —, mas se tivesse recusado o dinheiro e passado poucas semanas conhecesses alguém de que gostasses mais do que eu? Que estúpida me sentiria quando me enviasses uma carta de adeus?

Doug, na escuridão levantou as mãos: — Excelente! Fizeste exatamente a coisa certa. Vamos esquecer tudo, está bem?

Falava a verdade? “Vamos”? Lola acenou que sim avidamente, pergun-

tando-se se aquele seria um bom momento para um beijo de *é bom ver-te de novo*. — Daqui para a frente tudo o que aconteceu foi enterrado no passado, verdade? Podemos começar de novo.

— Começar de novo? — Ouvia-se uma pitada de sarcasmo na sua voz. — De certeza que não é preciso irmos tão longe. Estás quase de saída.

— Não obrigatoriamente. — Apressando-se atrás dele, enquanto ele se virava abruptamente e percorria o caminho de encontro à casa, Lola disse: — Cheguei mesmo agora! Dougie, é fantástico ver-te de novo, temos tanta conversa para pôr em dia.

— Confia em mim: Não temos.

— Mas gostava de saber o que tens feito! — O desespero fez com que fosse imprudente. — E vieste cá fora, isso quer dizer que queres falar comigo.

Dougie estendeu o braço para a porta da frente e parou para olhá-la: — Vim cá fora para fumar.

— Agora fumas?

— Não muito.

— Devias deixar — disse Lola.

Um músculo do maxilar contorceu com irritação: — E deixei. Há seis semanas.

Afinal de contas, o reaparecimento repentino de Lola abalara-o. Lola cheirou o ar, mas apenas detetou a terra fria e o *aftershave*. — Não me cheira a fumo.

Dougie puxou de um único cigarro e de um isqueiro Bic do bolso da camisa. — Estava prestes a acendê-lo quando te ouvi a falar ao telefone.

— Então, ainda não fumaste, ouviste-me. Vês? Já estou a ser útil. — Lola, esticando o braço e roubando o cigarro da mão, partiu-o em dois e atirou-o por cima do ombro para um arbusto de alfazema.

Doug suspirou e abriu a porta da frente. — Se não tivesses aparecido, não me teria sentido tentado em primeiro lugar. Se quiseres fazer alguma coisa realmente útil, vai-te embora.

— Aqui estás tu. — Adele, de olhar fulminante, estava na entrada com a Sally ao seu lado: — Perguntávamo-nos o que vos tinha acontecido.

— Estávamos a pôr a conversa em dia. — O tom de Dougie era brusco. — Estava a tomar conhecimento dos onze mil euros que pagaste à Lola para ela me deixar.

Adele lançou um olhar para Lola capaz de engelhar uvas. — Então, ela contou-te não foi? Onze mil euros, foi isso que ela disse?

Lola sentiu o coração a afundar-se como uma âncora.

— O que queres dizer com isso? — exigiu Doug.

— Eu ofereci onze mil. Mas não era o suficiente para ela. Ela exigiu dezassete mil. — Adele encolheu os ombros elegantemente. — E depois, quando recusei, ela começou a regatear.

Oh não.

— Não fui a única — murmurou Lola.

Doug abanou a cabeça em negação. — Não quero acreditar. Com quanto é que acabaste?

— Catorze.

— Catorze e quinhentos — disse Adele, a bruxa odiável.

— Tudo bem, mas eu *precisava* para...

— Parou. — Dougie levantou as mãos. — Já ouvi o suficiente. Agora, preciso mesmo de uma bebida. — Virou-se e andou a passos largos para o salão para refeições.

Lola observou-o. Provavelmente não era a altura ideal para pensar nisto, mas ele ficava ainda mais irresistível quando estava zangado.

— Agora viu o que fez — disse Adele —, porque não se vai embora antes que estrague a noite inteira?

Podia ser uma proposta interessante se apenas fosse dita mais cedo, mas isso era antes de o Dougie ter aparecido. Como ir embora já não era uma opção — porque e se ela nunca mais o visse? — Lola disse: — Oiça, eu não sou assim tão má peça, como está a dar a entender. Eu só aceitei o dinheiro porque havia uma emergência e desesperadamente precisava. Na verdade, sou uma pessoa realmente boa. Não podemos esquecer o que aconteceu no passado?

*Afaguei a tua coxa, por amor da santa.*

Adele expirou sonoramente. — Ninguém esperava que isto acontecesse hoje. É óbvio que estou grata pelo que fez na outra noite. Não posso fingir que esteja feliz por a ver de novo. Dar-lhe o dinheiro era o que precisava de fazer naquela altura, mas nunca quis que Doug descobrisse.

— Acredite em mim quando digo que também era a última coisa que queria. O Doug escutou a minha conversa ao telemóvel, sem eu dar conta e eu realmente desejava que ele não o tivesse feito. Não se preocupe, não vou falar mal de si. — Quando Lola disse isto, viu Adele a recuar com a formulação, provando o quão vulgar era Lola e quão tolamente incompatível era para alguém de tão boas famílias como o Doug.

— Bem, vamos tentar chegar ao fim da noite sem mais dissabores. — Adele abanou o seu cabelo penteado ligeiramente como se rejeitasse a ideia da sua mente. Rasgando um pequeno sorriso falso disse: — Vamos também e juntamo-nos aos convidados?

— Irei já a seguir, tenho apenas de... — Lola apontou para a casa de banho do andar inferior, hesitando em relação a qual seria a palavra ele-

gante para tal, de seguida perguntando-se porque se estava a incomodar.  
— Depois de fazer um xixi rápido.

A casa de banho era pequena, mas sofisticada, em mármore marfim e iluminação fina. Um pouco demasiado fina na verdade; Lola, ao retocar a maquilhagem teve de se debruçar pelo lavatório para se aproximar o suficiente do espelho e verificar se não tinha manchas de rímel nas bochechas.

Lola, absorta com os pensamentos sobre Doug e em como o podia reconquistar superando o seu bom senso, saltou de susto quando o telefone tocou inesperadamente. Ao perder o equilíbrio precário e prestes a tombar de nariz contra o espelho, esticou a mão para se amparar e atirou a bolsa da maquilhagem para fora do lavatório.

— Nãoooo! — Lola deixou escapar um guincho de horror ao ver a bolsa a cair na sanita, salpicando. A maquilhagem é que não... ó, raios...

Era tarde demais, o conteúdo da bolsa de maquilhagem já se tinha afogado. Todos os seus artigos preferidos — as sombras dos olhos adoráveis, pó bronzeador, lápis dos olhos, os seus três melhores batons — submergiam para o fundo da sanita. E como se não bastasse, o maldito telefone ainda tocava.

— Gabe, bem sei que estás a tentar ajudar, mas AGORA NÃO! — Lola, desligando o telefone de novo, observou o cenário de devastação e deixou sair um grunhido de desespero: — *Raios partam...*

Nessa altura, saltou de novo, com alguém a bater com cautela na porta da casa de banho.

— Olá? Está tudo bem aí dentro? — Era uma rapariga preocupada, possivelmente a Sally.

— Está tudo bem. Estou ótima. — Lola podia ter chorado perante a visão da sua sombra dos olhos cor de café super brilhante Urban Decay preferida de todos os tempos.

— Lola? És tu? O que aconteceu?

Lola abriu a porta, apercebendo-se de que era Sally.

Nem teve de abrir a boca.

— Oh não, pobre coitada! Credo, não admira que tenhas guinchado. Uma vez, roubaram-me a mala de mão. — Sally apertou-lhe o braço em simpatia. — Quero dizer, ter de substituir os cartões de crédito e isso foi uma dor de cabeça, mas perder a maquilhagem foi traumatizante. Quando soube que o meu rímel preferido fora descontinuado, praticamente tive um esgotamento nervoso ali mesmo em Harvey Nicks.

Apesar de tudo, Lola sorriu. — Já me estou a sentir melhor!

— Ai, desculpa.

— E não a podemos deixar ali. — Lola, preparando-se, debruçou-se e com cuidado apanhou a bolsa de maquilhagem aberta da sanita e depois

largou-a — splash — para o cesto do lixo por baixo do lavatório. — Como já é típico, aconteceu antes de poder pintar os lábios.

— Ora, nisso eu posso ajudar. Queres batom emprestado? Sobe ao piso de cima comigo.

Tudo no quarto de Sally era amarelo e branco e extremamente arrumado. Lola, sentando-se na cama extragrande e olhando em volta, disse: — É um quarto fantástico.

— Seria ainda melhor se não fosse na casa da minha mãe. — Sally fez uma careta. — Não é que não a ame, mas não é ideal, não é? Tenho trinta e seis. Vivía com o meu namorado em Wimbledon até há quinze dias, mas acabámos e eu mudei-me para cá temporariamente.

— O que aconteceu entre ti e o teu namorado?

— Ai, que pesadelo. Sou um desastre ambulante no que toca a homens. — Sally abanou a cabeça. — A pedido dele, dei-lhe como prenda de aniversário um branqueamento dentário. Quando dou por mim, ele diz-me que está a namorar com a auxiliar de dentista. E foi assim. Estou de novo solteira, de volta à casa da minha mãe e desisti dos homens. Vou comprar uma pequena e encantadora casa de campo e fazer criação de lamas. Tricotar as minhas próprias meias e fazer a minha própria geleia. Não seria idílico? — Parou, com o batom Chanel cor-de-rosa fúcsia e examinando os lábios de Lola. — Que tipo de cor estás à procura?

— Algo acobreado-acastanhado em vez de cor-de-rosa, se tiveres. Sabes tricotar?

— Na verdade, não. Mas posso sempre pagar a uma adorável avó para fazer isso por mim. Acobreado-acastanhado, acobreado-acastanhado... — Sally estava ocupada a vasculhar pelas caixas da mesinha do toucador.

— Se preferires viver em Notting Hill, o meu vizinho parte para a Austrália na próxima semana. Ele está a alugar o apartamento durante um ano. — Lola não conseguiu evitar; valia a pena tentar e, pelo menos, a Sally não trabalhou num matadouro público.

— Ai é? Não vou a Notting Hill há anos. Ah, já sei qual é o ideal... — Sally saiu do quarto, voltando passados momentos com um batom num invólucro dourado com a forma de uma bala — Aqui tens, estava na prateleira da casa de banho este tempo todo. Este é mais a tua cara?

Lola apanhou-o com alívio. Versace, nada menos nada mais, e lindo, com um tom nítido de castanho-avermelhado com um lustro de dourado-acastanhado. — É perfeito. — Fitando o espelho da mesinha do toucador, ela aplicou-o com um gesto teatral e juntou os lábios com um estalido.

— Perfeito. Já posso enfrentar o mundo. O Dougie tem namorada?

— Nem sei. Sei que *estava* a namoriscar uma rapariga há uns tempos, mas não sei se ainda estão juntos. Sabes como são os homens, eles não fa-

lam desse tipo de coisas como nós. — Sally retocou o nariz com pó translúcido e disse: — Porquê? Ainda gostas dele?

Só uma irmã mais velha poderia dizer aquilo assim, como se se equiparasse a gostar do Quasímodo

A Lola disse com arrependimento: — Ele é lindo. Éramos tão felizes juntos e estraguei tudo. A culpa foi toda minha, bem sei, cometi um erro, mas na altura... eu não podia...

— Ai, credo, não quis fazer com que te sentisses ainda pior. Tinhas apenas dezassete — exclamou Sally. — Todos nós cometemos erros nessa idade. E, temos de dar a mão à palmatória, o Dougie ficou inconsolável, mas depois recuperou. Não é como se tivesse ido para um convento!

Lola, feliz pela compreensão de Sally, conseguiu esboçar um sorriso vacilante. — Ainda bem que assim não foi. Mas quem sabe, talvez o possa convencer de que sou irresistível e ele perdoa-me...

A porta do quarto, que não estava fechada, abriu de par em par. — Olha — disse Doug bruscamente —, eu realmente preferia não ter de continuar a ouvir inadvertidamente estas coisas, mas o Philip quer começar o discurso e pediu-me para reunir toda a gente.

— Não há problema. Já terminámos aqui. — Sally sacudiu para trás o cabelo de modo jovial e dirigiu-se para a porta.

— E deixa-me acrescentar — Doug fitou Lola com um olhar inabalável de fazer tremer os joelhos enquanto Lola passava por ele à entrada —, não gastes a tua energia com a parte de tentares ser irresistível, porque não estou interessado.

Esperem aí, quais eram as qualidades que ele sempre admirara nela quando eram um casal? O seu otimismo eterno e a recusa de aceitar um *não* como resposta?

— Podes mudar de ideias — disse Lola corajosamente. — Sou muito adorável.

— Aos meus olhos, nem por isso.

— Posso ser. Se me desses uma hipótese.

— Lola, nem percas tempo a tentar. Não vai acontecer nada entre mim e ti. Depois desta noite, não nos veremos mais e não levantarei nenhuma objeção a isso. Portanto, vamos lá descer, está bem, para pôr um ponto final a esta farsa. Quanto mais cedo isto acabar, mais cedo podes ir para casa.

Todos os convidados foram reunidos no salão para receções para ouvir o discurso de Philip. Foi doce, apesar de difícil de acreditar, ouvir este homem simpático a falar tão comovidamente da felicidade que Adele trouxe à sua vida. Toda a gente ergueu os copos em honra de Adele, em seguida, Philip continuou a falar sobre Lola e as suas ações na noite do assalto. Concluiu

que estavam todos em dívida para com ela e, daquele momento em diante, ela fazia parte da família. A deixa do aplauso, o brinde e — hilariantemente — outro abraço frágil de Adele. Era como ser abraçada por uma *cracker* Ryvita.

Passada a parte embaraçosa, os convidados voltaram para as bebidas e conversas entre si. Toda a gente à exceção de Adele, que olhou para os lábios de Lola e disse: — Que coincidência extraordinária, parece que usa o mesmo batom que eu.

Raios partam! E ela *soube*.

— Desculpe. — Não queria acreditar como não reconhecera antes. — Eu... Hum, perdi o meu e a Sally ofereceu-se para emprestar outro. Não me apercebi que era seu.

— Mais vale levá-lo consigo quando for embora. — Adele estremeceu como se Lola tivesse cuspidos nos *hors d'oeuvres*. — De qualquer das formas, não voltarei a usá-lo depois disso.

— Está tudo bem? — Doug juntou-se.

— A Lola usou o meu batom. — Adele, com uma sufocada gargalhada incrédula disse: — Devo ser antiquada. Parece-me ser uma coisa tão descarada. Tão... *pessoal*.

Lola abriu a boca para protestar, mas agora era Dougie que a olhava com igual desagrado, como se ela fosse a Maria Tifóide<sup>8</sup> a espalhar os seus germes vis nos batons das outras pessoas. Chega a um momento em que temos simplesmente de aceitar que vencer não é uma opção.

Quando o telefone de Lola tocou pela terceira vez naquela noite, os lábios de Adele contraíram com irritação renovada.

— Paras de me desligar o telefone na cara? — exigiu Gabe. — Eu tenho coisas mais importantes para fazer com o meu tempo do que estar sempre a tentar falar contigo. Não é assim tão complicado — continuava ele sem parar. — Preciso apenas de saber se estás bem. Um simples sim ou não basta...

— A sério? As contrações estão com *quanto* tempo de diferença? Fica quieta e mantém-te calma — disse Lola. — Põe a chaleira a ferver e respira fundo. Estou a caminho.

---

<sup>8</sup> N. do T.: Mary Mallon (1869-1938), também conhecida como Maria Tifóide, imigrante irlandesa nos E.U.A que transmitiu a febre tifóide a dezenas de pessoas, tendo sido colocada em quarentena grande parte da sua vida.

## Capítulo 10

Sonhei com ele a noite passada — disse Lola.

Cheryl aprovisionava as prateleiras da frente da loja. Parando para olhar para o livro que segurava, franziu o sobrolho e disse: — Sonhaste com quem? O Harry Potter?

— Alguma vez? Estou a falar do Dougie, tonta.

— Oh, queres dizer que *ainda* estás a falar do Dougie. As palavras “nem que fosses a última mulher na terra” dizem-te alguma coisa?

Francamente, só porque o casamento de Cheryl acabara mal; agora quarentona e feliz divorciada, desfrutava de uma vida sem homens. Lola com persistência disse: — Falhar não é uma opção.

— Perder tempo com coisas inúteis? — insistiu Cheryl. — Sonhar acordada? À espera de um milagre?

— Não sejas assim tão pessimista. Sonhei que remava num barco pela Rua Portobello e perdi um dos meus remos, mas, de repente, o Dougie remou até a mim e saltou para dentro do barco.

— E empurrou-te para borda fora?

— E salvou-me! Mostrou-me o botão escondido que ligava o motor. — Lola sentiu os olhos a embaciar com a recordação. — E quando me apercebi, estávamos a avançar depressa ao longo de algo saído de um filme de James Bond, ao longo das ruas com as pessoas a gritarem e atiraram-se para fora do caminho e o Dougie, sentado ao meu lado, com a perna junto à minha...

— Vai tornar-se num daqueles sonhos sórdidos?

— Para minha tristeza não. Não tivemos tempo. O alarme disparou. — Lola passou à Cheryl uma mão cheia de livros do Dan Brown; era segunda-feira à tarde, três dias depois da festa, e o Dougie ocupava agora uma residência mais ao menos fixa dentro da sua cabeça. Não ia ser fácil, fazer com que alguém se apaixonasse de novo quando nem sequer a queria ver, mas ela nunca sentira nada assim por outra pessoa; o facto de ele ter reaparecido na vida dela de novo era simplesmente...

— Já agora, há uma pessoa a olhar para ti — disse Cheryl.

— Há sim? Quem? — Não levou muito tempo para invocar uma fan-

tasia; em menos de meio segundo, Lola vira o cenário inteiro do Oficial e Cavaleiro a passar à frente dos seus olhos. Ao virar-se para trás, o Dougie estaria a atravessar a loja na direção dela tal qual o Richard Gere. Está bem. Está bem. Talvez não tivesse vestido o uniforme branco dos oficiais, mas, ainda assim, pegar-lhe-ia ao colo sem esforço para a tirar dali, enquanto tantos os funcionários como os clientes batiam palmas e davam vivas, incitando com deleite e gritando: — Assim é que é, Lola.

— Aquele ali junto às autobiografias.

Lola virou-se lentamente e mais uma fantasia foi aniquilada. Por amor de Deus, o homem estava na casa dos cinquenta; por que razão queria ela que ele a levasse em braços para fora da loja?

— Não é o Doug.

Cheryl revirou os olhos. — Eu não disse que era. Ele tem estado a olhar para ti, só isso. *Não para* de olhar.

— É provável que me tenha visto na televisão a semana passada e agora esteja a tentar ganhar coragem para pedir-me um autógrafo. — Lola preparou-se para sorrir de uma maneira alegre e realista e provar que a fama não lhe subira à cabeça — Cristo, não seria fantástico se ele pedisse mesmo? — mas o homem virara-se de costas. Oh bem. Ah-ah, a não ser que fosse um detetive privado contratado por Dougie para descobrir se era uma melhor pessoa agora do que era há dez anos... Ele empregara os seus melhores esforços para não pensar nela, mas não fora bem-sucedido... talvez a pudesse desculpar no final de contas...

— Estás a sonhar acordada outra vez? O Tim está a chamar-te a atenção — indicou Cheryl. — Estão com falta de pessoal nas caixas.

Dez minutos depois, o fã de Lola aproximava-se da caixa dela. De perto, parecia mais novo do que ela pensara inicialmente; provavelmente rondava os quarenta e cinco anos. Com o cabelo escuro e apenas um pouco mais comprido do que o comum, vestia uma camisa às riscas cor de amora e azeitona com calças pretas com um bom corte. Bastante modernas para um homem da sua idade. Olhos cinzentos atraentes também.

— Nunca li um destes. — Entregou-lhe o livro, um romance policial de um escritor prolífico americano. — É bom?

— Muito bom. Não vai conseguir para de ler, mesmo se quiser. Vai suster a respiração durante horas a fio. — Lola registou o livro, consciente de que o homem analisava o crachá.

— Desculpe. — Ele viu que ela reparara. — Bonito nome. Fora do vulgar.

— Obrigada. — Pegou na nota de dez euros e tirou o troco da caixa. Ele era demasiado velho para que ela se sentisse interessada por ele romanticamente, mas ele tinha um sorriso atraente. — Aqui tem. Espero que gos-

te do livro. Não me culpe se for despedido por não conseguir se manter acordado amanhã no trabalho.

O sorriu aumentou. — E se gostar, volto para comprar outro.

Havia qualquer coisa na forma como ele a olhava que fez com que Lola se perguntasse se aquela seria a sensação de ser famoso.

Ela disse levemente: — Reconhece-me de algum lado?

Ele pareceu surpreendido. — O quê?

— Fui entrevistada na televisão no outro dia. Pensava que talvez pudesse ter visto.

A expressão do homem desanuviou. — Não, acho que perdi. Só vim aqui comprar um livro.

Raios, afinal não era famosa. — Desculpe.

— Não se preocupe. — Ele descontraíu-se visivelmente. — Tenho pena de não ter visto. Saiu-se bem?

— Fui excelente. — Lola, ao passar-lhe o saco com o seu romance policial, um pensamento passou-lhe pela cabeça: — *Por que razão* estava ele visivelmente descontraído? Inocentemente disse: — Alguém alguma vez o reconheceu?

Ih, isso surpreendeu-o.

— Perdão?

— Estava apenas a perguntar-me se as pessoas alguma vez se aperceberam de quem é?

Mais uma pausa. — Porque haveriam de o fazer?

— Talvez porque sejam muito espertos e aperceberam-se. — Lola sorriu abertamente para ele.

Ele olhou para ela. — Aperceberam-se do quê?

— Que é um detetive privado.

— Eu? — Apontou para o seu próprio peito, abanando a cabeça que não em descrença divertida. — É isso que pensa? Eu não sou um detetive privado.

Felizmente havia uma acalmaria nas caixas; mais nenhum cliente esperava para ser atendido.

— Ah — disse Lola —, mas, se fosse o caso, era isso mesmo que diria, não é verdade?

— Acho que sim. Mas, mesmo assim, não sou.

— Exceto se me estivesse a tentar despistar, como qualquer bom detetive privado.

Inclinou a cabeça para um lado. — Então, se fosse um detetive, que prometo que não sou, quem estaria eu a espiar?

— Ih, não sei. Qualquer pessoa nesta loja. — Lola encolheu os ombros na brincadeira. — Talvez, eu.

— Você. E por que razão um detetive privado estaria a segui-la? —  
Outra breve pausa. — Está envolvida nalgum tipo de problema?

— De longe. — Dissera-o apenas impulsivamente — quem arrisca, não petisca —, mas Lola sabia agora que este homem era nada mais do que um estranho charmoso, se bem que um pouco perplexo, graças ao seu interrogatório. — Está bem, não é um detetive privado. Acredito em si.

Acenou que sim seriamente. — Obrigado.

De um momento para o outro, surgira uma fila nas caixas. Lola disse: — Boas leituras.

O homem saiu, agarrando o seu saco azul-escuro da Kingsley e com aquela expressão com que as pessoas ficam quando entregam uma nota de dez euros e dão-lhes de troco uma de vinte.

## Capítulo 11

As embalagens para tostas não são a melhor invenção do mundo *de todos os tempos?*

A tosta saltou da torradeira e Lola tirou o saco, deitou a sandes deliciosamente estaladiça de queijo e tomate para o prato. Provavelmente a comida preferida dela, e só de pensar que quando viu pela primeira vez uma embalagem para tostas não acreditara que funcionasse, porque como é que uma embalagem de plástico podia ir para dentro de uma torradeira elétrica e não derreter?

Muito bem, tosta: visto.

DVD no leitor de DVD: visto. Obsequiara-se com o último filme de Tom Dutton, um dos seus atores preferidos.

Caixa de lenços de papel: visto. Quando arrastou o Gabe para o cinema para verem o filme, Lola grasnou como um grande ganso durante as partes chorosas e desmascarou-se de imediato.

Comando à distância para o leitor de DVD: visto.

Comando à distância para a televisão... Mau, aonde estava mesmo? Oh, debaixo das almofadas do sofá. Visto.

Agora, já estava pronta.

A campanha tocou no preciso momento em que ia dar a primeira dentada divina na tosta. Alguém tinha um bom sentido de humor.

Lola olhou para o seu reflexo sem maquilhagem no espelho da cozinha, juntamente com o cabelo a pingar de tão molhado e camisa de dormir verde lima de felpa, e realmente pediu para que o Tom Dutton não tivesse escolhido aquele momento para aparecer à sua porta.

Premiu o intercomunicador. — Sim?

— Lola?

Uma voz feminina. — Quem é?

— Sou eu! A Sally Tennant!

Deus do céu. *A Sally. A irmã do Doug.* Lola ao premir o botão do intercomunicador, sentiu o estômago a contorceu-se com o entusiasmo. — Sobe.

Sally, envolvida num casaco creme glamoroso e umas botas de salto

alto pretas de marca, estava vistosa e elegante. Estaria ainda melhor se não tivesse um par de chifres vermelhos de plástico a piscar em cima da cabeça.

— Ai desculpa — fez uma careta quando viu o cabelo de Lola e a camisa de dormir. — Vim em má hora?

— Claro que não. Nem acredito que estejas aqui. — Lola acompanhou-a até à sala e desligou a televisão. — Tem alguma coisa a ver com o Doug?

— Doug? — O rosto de Sally estava inexpressivo. — Não. Não o tenho visto. Porquê, tu tens?

— Não. — Lola engoliu a sua desilusão.

— Pedi ao Philip a tua morada. Vim por causa daquele apartamento de que me falaste.

O apartamento. Não lhe passara pela cabeça, nem num milhão de anos, que Sally aceitasse a sua oferta — nem parecia estar a ouvir quando Lola o referira. E agora estava mesmo ali. Isso é que é por um triz. Mas ao mesmo tempo, que *estupendo*.

— Estás mesmo interessada? Isso é fantástico. O Gabe vai embora amanhã para a Austrália... ele hoje saiu para despedir-se dos amigos, não faço a mínima ideia das horas a que chegará. Mas tenho uma chave. Posso mostrar-te o apartamento agora. — Lola, apertando o cinto da camisa, disse: — Vais adorar. Garanto-te.

— Gabe? Consegues ouvir-me? — Da outra ponta do telefone Lola conseguia discernir ainda mais celebrações barulhentas. — Encontrei uma pessoa para o teu apartamento. Lembras-te de te falar da Sally, a irmã do Doug? Bem, ela está aqui e já deu uma vista de olhos e é mesmo o que...

— O quê? — disse Sally com voz sibilante quando Lola abruptamente parou e ouviu. — Ele não quer que eu me mude para lá? Porquê, o que há de errado comigo? Diz-lhe que ele não irá encontrar uma melhor inquilina *em parte alguma*. Olha, eu posso pagar o depósito já, o dinheiro não é problema... Lola, diz-lhe o quanto quero este apartamento!

Lola disse devagar: — Sim... Está bem, certo... não, claro que percebo. — Terminou de ouvir o que Gabe tinha para dizer e desligou.

— O que foi? — pranteou Sally. — Por que é que eu não posso ficar com ele? Eu quero-o.

Lola sentiu uma pontada de culpa; foi ela que suplicara para que Gabe não aceitasse o Terry, o homem do matadouro.

— Não és tu. O Gabe registou o apartamento hoje de manhã numa agência imobiliária. Assinou um contrato com eles. E eles ligaram-lhe há umas horas para lhe dizer que traziam um cliente para visitar a casa ainda

esta noite. Se este homem disser que quer o apartamento, não há nada que possamos fazer. Ele tem o direito de aceitar ou recusar — explicou Lola. — E ele está desejoso para encontrar uma casa rapidamente.

— Oh! — Sally parecia desanimada. — Bem, talvez ele não goste da casa.

— Toda a gente gosta do apartamento de Gabe. *Merda!* — disse Lola com frustração. — Eu queria que fosses a minha vizinha. Não queria que um *miúdo* malcheiroso se mudasse para o meu lado...

— O quê? — Sally fitou-a com curiosidade quando a voz de Lola perdeu-se na distância. — Em que pensas?

— Gabe disse que eles vão aparecer às oito. — Lola olhou para o relógio. — Perguntava-me a que horas a loja da esquina fecha.

Com um vislumbre de sorriso, Sally disse: — Já alguma vez te disseram que és um pouco estranha?

— Perdão? — Lola levantou as sobrancelhas. — És tu que tens os chifres tremeluzentes na cabeça.

A loja da esquina ainda estava aberta. Se Sanjeev se perguntou por que razão a sua melhor cliente de revistas, chocolate e gelado estava inesperadamente a comprar couves, não perguntou. Às dez para as oito o cheiro vil de couve cozida era carregado em ambos os apartamentos. Quando as caçarolas foram retiradas da cozinha de Gabe, Lola descobriu um canal de música na televisão do seu próprio apartamento e levantou o volume ao máximo. Eminem retinia e Sally tirou os chifres, abanando o cabelo e tirando os sapatos.

Às oito e três minutos ouviram a porta da rua do prédio a abrir, depois duas pessoas entraram no apartamento do Gabe. Lola esperou alguns segundos para atravessar o patamar e bater violentamente à porta.

Um homem de fato abriu a porta. — Sim?

— Olá, ele está?

— Perdão?

— O Anjo Gabriel. — Lola levantou a voz para se fazer ouvir por cima do som da música. — O Sr. Vamos Reclamar Com Tudo.

O agente imobiliário disse glacialmente: — Se se está a referir ao Sr. Adams, ele não está cá.

— Não? São as melhores notícias que ouvi o dia inteiro. — Lola, sorrindo para o potencial inquilino através dele — desengonçado, trintão, óculos, com ar de contabilista — disse Lola: — Bem, transmita-lhe uma mensagem da Lola e Sally do apartamento em frente, diga-lhe que vamos receber alguns amigos esta noite. Vão chegar vindos do *pub* e agradeceríamos que não nos desse problemas como já é habitual, já que, desta vez, estamos a

avisá-lo com tempo de antecedência. — Inclinando-se para a frente em tom de conspiração, ela acrescentou: — Para ser franca, a polícia já está farta de que ele choramingue por causa de nós. Quero dizer, ele é que é o exemplo de um Toni sem amigos! Se não pudermos ter festas e rir com os amigos, para quê viver, não é?

— Talvez possa deixar um recado ao Sr. Adams. — O agente imobiliário falou bruscamente, desejoso de fechar a porta a um vizinho que potencialmente pusesse em risco o negócio entre mãos.

— Espere aí. — O homem desajeitado com ar de contabilista levantou a voz por cima da batida surda de hip-hop que agora fazia com que o chão vibrasse. — Com que frequência tem estas festas?

— Com pouca frequência. Duas ou três vezes por semana, mais nada.

— E o cheiro? — disse o contabilista. — O que é isto?

— Hum? Ai, também repara? — Lola encolheu os ombros. — Não faço ideia. Vai e vem em vagas sucessivas — acho que tem alguma coisa a ver com os esgotos, penso eu. Custou-nos uma fortuna verificar tudo, mas não ajudou em nada. Pensámos que o Toni Sem Amigos tinha escondido um cadáver debaixo do soalho. — Interrompeu-se e disse: — Por que quer saber?

— O apartamento foi registado numa agência imobiliária. — O contabilista piscou o olho rapidamente. — O proprietário vai mudar-se para a Austrália.

— Está a brincar. Fantástico! — Ouvindo passos atrás de si, virou-se e disse para Sally: — Ouviste isso? O Toni Sem Amigos vai para a Terra do Oz!

— Para fugir de nós? — Sally, inesperadamente grávida de nove meses por debaixo do casaco, acenou com a cabeça em aprovação. — Fixe. Isso quer dizer que vais ser o nosso novo vizinho?

— Eu, hum... — Terá sido aquilo um brilho de terror por detrás dos óculos de parolo — Bem, eu não...

— Porque se alguma vez desejar um part-time como ama, veio parar ao sítio certo! — Sally afagou a barriga inchada. — Quero dizer, só porque vamos ter um bebé não quer dizer que temos de parar de fazer o que queremos fazer, percebes? Whoo-hoo! — O Eminem dera lugar ao Snoop Dogg. A Sally, segurando na barriga com uma mão e acenando a outra no ar, fez alguns passos entusiastas de hip-hop. — *Whoo-hooooo!*

Era um cenário que enervaria qualquer homem graúdo. Na verdade, dois homens graúdos. O parolo e o agente imobiliário afastavam-se cuidadosamente. Lola, repleta de admiração, rezava para que Sally não se entusiasmasse e tentasse abanar o rabiosque.

Imaginem a vergonha se a almofada caísse

— Quantas pessoas moram convosco nesse apartamento? — disse o parolo.

— Só eu e a Lola e esta pequena criatura quando nascer. — Sally ainda rodando em volta com energia ao som da música, apontou com modo jovial para a barriga.

— Quem precisa de um homem quando se tem uma grávida lésbica? — disse Lola, piscando o olho para o agente imobiliário. — O nosso bebé vai ter duas mães que se *sabem* divertir.

Assim que o agente e o parolo saíram do prédio, Lola desligou a música ensurdecadora e abriu as janelas de par em par em ambos os apartamentos para dispersar o cheiro de couves cozidas de torcer o nariz.

— Chiça, foi bem divertido. — Sally puxou a almofada de veludo enrolada em forma de bola debaixo do casaco e atirou-a para o sofá. — Achas que vai resultar?

— Se fosse eu que queria o apartamento, resultava. — Lola apanhou uma garrafa de vinho branco do frigorífico e serviu dois copos.

— Pobre coitado, parecia um pouco atordoado. Penso que temos apenas de esperar. Posso beber isso nas minhas condições?

— Podes sempre beber água.

— Água? Yeurgh, bebida terrível *aquosa* molhada. Não obrigada.

O telefone de Lola tocou dez minutos depois e ela saltou.

— O que fizeste? — Gabe foi direto ao assunto.

Inocentemente, Lola disse: — Desculpa?

— Não, não lamentas. Recebi agora uma chamada do agente imobiliário. — disse Gabe. — Disse-me que dada a situação, preciso de baixar o preço do arrendamento.

— Oh Gabe, isso é *terrível*.

— Na verdade, bastante significativamente.

— Pobre coitado!

— Também disse que a prioridade devia ser livrar-me daquele cheiro pútrido.

— Ai. Ai.

— Então, essa tua amiga, essa irmã do Doug — disse Gabe — parto do princípio que esteja aí contigo.

Lola olhou para a Sally. — Se calhar.

— E ela quer o meu apartamento.

— Sem dúvida. Mais do que qualquer coisa.

— O que causou o cheiro?

— Quatro grandes caçarolas de couves cozidas.

— Olha, passa-me o telefone. — Sally, estendeu a mão, agarrou o te-

lefone e disse: — Gabe? Olá, por favor, deixa-me ser eu a tua inquilina! Juro que sou extremamente arrumada. Iria realmente tomar conta do teu apartamento e sou completamente digna de confiança, pago a renda por completo por débito direto e deixo já o depósito com a Lola, não te irás arrepender... o quê? Oh, está bem.

— Ele respondeu o quê? — exigiu Lola quando a Sally desligou o telefone.

— Que lhe estava a dar dores de ouvido.

— E?

— Que se mudar para a Austrália estava a parecer ser a melhor decisão que ele alguma vez tomara.

— E?

— Que nós as duas nos merecemos uma à outra e que ele tem pena do nosso bebé.

Já que Sally estava naquele exato momento sentada no sofá com um cotovelo espetado na almofada de veludo abandonada, Lola também sentiu bastante pena dele. — Então, isso quer dizer...?

Sally sorriu abertamente e tiniu o copo contra o de Lola. — Posso mudar-me assim que quiser.